



ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

**BOLETIM INFORMATIVO NÚMERO 84
AGOSTO DE 2025**





Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
AFSC
Rua dos Ilhéus 118 sobreloja 9 – Ed. Jorge Daux
CEP 88010-560 - Florianópolis, SC
Caixa Postal 9029 - CEP 88010-976
Telefone: (48) 3222-2748

Entidade sem fins lucrativos
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951
e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2025 para o período de agosto/2025 a agosto/2026:

Diretor Presidente:	Luis Claudio Fritzen
Diretor Vice-presidente:	Demétrio Delizoicov Neto
Diretor 1º Secretário:	Juliano Natal
Diretor 2º Secretário	Luiz Antonio de Oliveira Horn
Diretor 1º Tesoureiro:	Romeu Odilo Trauer
Diretor 2º Tesoureiro	Fred Leite Siqueira Campos
Diretor de Sede:	Maurício Silva Soares

CONSELHO FISCAL

Rubens Moser	Lucia de Oliveira Milazzo (suplente)
Renato Mauro Schramm	Paulo Cesar da Silva (suplente)
Ernani Santos Rebelo	Bernardo Bihl Lopes (suplente)

Para custeio de suas atividades, a AFSC depende, principalmente, das anuidades pagas por seus associados, nas seguintes categorias e valores, válidos a partir de 2025:

Efetivos – Grande Florianópolis, idade a partir de 18 anos	R\$175,00
Juvenis – Idades inferiores a 18 anos	R\$40,00
Correspondentes no Brasil – residentes fora da Grande Florianópolis	R\$70,00
Correspondentes no Exterior – residentes fora do Brasil	US\$35,00
REMIDO – Valor único (20 anuidades).... Efetivo R\$ 3.500,00 / Correspondente R\$ 1.400,00	

ASSOCIE-SE!

www.afsc.org.br

afsc@afsc.org.br

REUNIÕES REGULARES

Quintas-feiras a partir das 18:30 horas e sábados a partir das 14:30 horas

Boletim Informativo semestral da AFSC - SANTA CATARINA FILATÉLICA (SCF)

Nº 1 de dezembro de 1949 (75 ANOS)

ANÚNCIOS

Página inteira:	Meia página:	Terço de página:	Terceira capa:	Quarta capa:
R\$90,00	R\$60,00	R\$45,00	R\$140,00	R\$180,00

Florianópolis, agosto de 2025.

COMISSÃO EDITORIAL

Luís Cláudio Fritzen, Demétrio Delizoicov Neto, Renato Mauro Schramm e Peter Johann Bürger.

REVISÃO TEXTUAL

Cláudia Pinheiro.

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Fagner Máximo da Silveira

CAPA

Imagens em homenagem à Luís Alves de Lima e Silva - Duque de Caxias.

Palavras do Presidente.....	04
Luís Alves de Lima e Silva. Duque de Caxias. Patrono do Exército Brasileiro. 222 Anos de Nascimento.....	05
Aeroporto de Chapecó.....	20
Os Defeitos Primários dos Selos de 50 réis da Emissão Madrugada Republicana nos Bilhetes Postais.....	24
Entrevista – Romeu Odilo Trauer.....	42
Telegramas Sociais da DCT dedicados ao Presidente Getúlio Vargas.....	48
O homem que iluminou a Ilha.....	52
Aloisio Magalhães e a Autossuficiência na Produção do Dinheiro Brasileiro.....	54
A Primeira Regulamentação de Circulação de Moedas no Brasil.....	62
Entrevista - Laura Regina Chierighini.....	70
Afeganistão entre Thomas De La Rue e Goznak.....	74

Autores:

Airton Jordani Jardim Filho, Henrique Costa Braga, Juliano Natal, Luis Claudio Fritzen, Márcio Hamilton Protzner de Oliveira, Márcio Rovere Sandoval, Mario Augusto Cunha Bayer de Amorim, Peter Johann Bürger, Renato Mauro Schramm.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como o que se refere ao uso de imagens.

Palavras do Presidente

O verbo recordar (do latim *recordari*, “lembrar-se”, “trazer à mente”) ecoa como uma delicadeza que extrapola o ato de lembrar: nele, o prefixo *re*, corresponde à ação de “fazer de novo”, combina-se com *cor*, de “coração”. Este último, por séculos, foi aclamado como o lugar onde guardamos fragmentos do passado.

A recordação nos permite mergulhar nas águas profundas do afeto e da nostalgia. Assim, voltamos ao tempo em que, ainda menino, eu ouvia atentamente as histórias contadas pelos velhos colecionadores. Sim, as recordações revividas daqueles mestres que frequentavam as reuniões semanais da AFSC. A tradição oral foi fundamental na minha transição de juntador para se tornar colecionador.

Talvez o gesto mais importante tenha sido o de fomentar a curiosidade, e o conhecimento iniciado nas reuniões, a qual somente se saciava com a leitura. Os estudos se amparavam nessa necessidade. Por isso que posso afirmar: leitura rima com afeto.

Salutar agora recordar minha experiência pessoal, na constituição do hábito de leitura. Acredito que somente com o contato pessoal, persistente e contínuo, conseguiremos formar uma nova geração de filatelistas e numismatas. Tarefa difícil nessa época de internet, grupos sociais etéreos, mensagens rápidas e instantâneas, mas não é impossível. Recordamos nossos mestres, e fazemos como eles nos ensinaram.

Luis Claudio Fritzen
Agosto de 2025



Luís Alves de Lima e Silva - Duque de Caxias

222 Anos de Nascimento

Patrono do Exército Brasileiro

Renato Mauro Schramm - Florianópolis, SC*



Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (Porto de Estrela, 25 de agosto de 1803 – Valença, 7 de maio de 1880), apelidado de "O Pacificador" e "O Marechal de Ferro", foi um militar, político e monarquista brasileiro. Esteve presente em acontecimentos marcantes da história brasileira, como as Guerras de Independência, a Balaiada, a Guerra dos Farrapos e a Guerra do Paraguai. Conquistou prestígio por sua atuação como militar, mas também foi um importante político do período da monarquia. Originário de uma família influente, Duque de Caxias subiu os degraus da carreira militar, tornando-se o militar mais importante da história do Exército Brasileiro. É considerado como Patrono do Exército"

Luís Alves de Lima e Silva futuro Duque de Caxias, nasceu a 25 de agosto de 1803 na Fazenda de São Paulo no Taquaraçu na Vila de Estrela da Província do Rio de Janeiro.

Descendia de velhos troncos portugueses, especialmente os Silva, os Fonseca, os Lima, os Brandão, os Soromenho e os Silveira, como se observa pelo seu brasão de armas.

Foto dos filatelistas Renato Mauro Schramm e Peter Johann Bürger em visita ao 63º Batalhão de Infantaria em Florianópolis, , em 29 de maio de 2025, por ocasião da palestra de Maurício Menezes, Presidente da Academia Brasileira de Filatelia – ABF, sobre a vida e trajetória histórica de Cândido Mariano da Silva Rondon – o Marechal da Paz.



Fonte: Autor desconhecido.

Era filho do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva e dona Cândida de Oliveira Brito. Seu pai, em 1824, como General do Exército Imperial em Pernambuco, comandou a pacificação da Confederação do Equador.

Como Brigadeiro, apresentou nos seus braços à Corte, a dois de dezembro de 1825, no Paço de São Cristóvão, o rebento que viria a ser o futuro Imperador Dom Pedro II, nascido naquele dia. Em 1828, assumiu Comando de Armas da Província de São Paulo e, dois anos depois, o Comando na Capital do Império.

Tomou parte efetiva no 7 de abril, quando da abdicação de Dom Pedro I, não só por liderar o Exército como por se tornar Regente, fatos que

concorreram para que mais tarde, viesse a sofrer o certo amargor por parte do futuro imperador. Anos mais tarde, foi eleito Senador pelo Rio de Janeiro



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Caxias descendia também, de uma ilustre plêiade de militares, tendo vários tios como marechais e generais.

Com 15 anos de idade assentou praça como 1º Cadete, no 1º Regimento de Infantaria de Linha.

Em 1818, o jovem Luís, quando cursava o primeiro ano da Academia Militar, foi promovido ao posto de Alferes para a 5ª Companhia de Fuzileiros da Guarnição da Corte. Passou a Tenente em 1821 e, ao terminar o curso, foi nomeado Ajudante do 1º Batalhão de Fuzileiros. Passou em seguida, a fazer parte do Batalhão do Imperador tropa de elite criada por Dom Pedro I.

Em março de 1823 o Batalhão do Imperador, comandado pelo Coronel José Joaquim de Lima e Silva, seu tio, seguiu com destino a Bahia, a fim de lutar contra o General Madeira, e onde Caxias recebeu seu primeiro batismo de fogo em três de maio. Por bravura recebeu o Hábito do Cruzeiro, considerado à época a mais alta distinção militar. Participou do dois de julho em Salvador, carregando o pavilhão do Império no desfile de libertação.

Com a volta do Batalhão do Imperador ao Rio, Caxias foi promovido a Capitão e logo em seguida mandado, para a Província rebelde de Cisplatina, onde recebeu o Hábito de Avis, mais uma vez por bravura em campo de Batalha. Nas das horas livres em Montevidéu, apaixonou-se pela Marquesa de Montes Claros, e o romance só não prosperou por ser chamado de volta à Corte em dezembro de 1828.

Ainda nesse final do ano foi promovido a Major e, no começo do ano seguinte recebeu a Ordem da Rosa. A perda da Província rebelde da Cisplatina e a crescente influência do Partido Português junto ao Imperador concorreram para a impopularidade do jovem monarca. A alternância dos partidos no poder sem resolver os angustiantes problemas da Nação infante, culminou com uma insurreição popular pedindo a abdicação de Dom Pedro I. Caxias tinha consciência de que, com a queda do Imperador, a Nação se defrontaria com a rebeldia em diversos pontos do território nacional. D. Pedro tentou ainda, apelar para Caxias, que não se furtou em respaldar o Imperador, desde que este assinasse um decreto, concedendo baixa a todos os soldados de primeira linha, deixando, assim, isolados os oficiais rebeldes. D. Pedro considerou uma temeridade tal solução, desobrigando então o jovem Major de sua lealdade ao Imperador. E aconteceu 7 de abril de 1829.

Caxias sentia que o período da Regência, nessa primeira fase denominada de Provisória, tendo o seu próprio pai como um dos regentes, seria um momento de imensos perigos para a unidade nacional do novo país que se implantava. As revoltas começaram então a proliferar não só na corte como nas províncias.

Após 7 de abril, a *Journée des Dupes* a que se referia Teófilo Otoni, “*quatro grupos disputavam o poder: - os abolicionistas, corcundas, ou mais conhecidos pelo nome de caramurus, partidários infatigáveis da Restauração; os constitucionais; os republicanos e, finalmente, os cautelosos oportunistas, apelidados de tatus ou caracóis.*”



Fonte: Acervo da coleção do autor.

O jovem Major sentia que o Exército era um aglomerado de elementos das mais diversas origens – italianos, alemães, dinamarqueses e, principalmente, portugueses sem possuírem, ainda uma identidade nacional. Concebeu, então, uma medida radical: formar um batalhão somente de oficiais, o Batalhão Sagrado, que veio a prestar serviços relevantíssimos, até quando Feijó mandou dissolvê-lo, em 1833. Eram conhecidos sobre alcunha de “Voluntários da Pátria”, que perdurou até a Guerra do Paraguai.

Em abril de 1831, na Regência de Feijó, aconteceu a Abrilada, com a tentativa de proclamação de uma República no Campo de Santana pelo Major Miguel de Frias. Caxias venceu a revolta e consolidou a Regência na Corte.

Em 2 de fevereiro de 1833 casou-se com Ana Luiza de Carneiro Vianna, filha do Desembargador Paulo Fernandes Vianna, Intendente Geral da Polícia da Corte e descendente da aristocrática família Carneiro Leão. Ana Luiza a encantadora Anica, deu-lhe três filhos, duas mulheres e um homem, sendo que este veio a falecer prematuramente, fato que lhe causou profunda dor por toda a vida. O amor por Anica durou por toda a sua existência. Durante os 41 anos que permaneceram casados, foi um exemplo de virtude e dedicação. Anica só possuía um único concorrente o Exército, que lhe roubou boa parte do tempo de seu marido.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Em 1835, explodiu, na província do Rio Grande, a Guerra dos Farrapos, que começou a incomodar a Regência e perdurou por mais de 10 anos.

Em setembro de 1837, Caxias foi promovido a Tenente-Coronel. Seguiu com o ministro da guerra, Sebastião do Rego Barros, para o teatro de operações no Sul do País. A chama da insurreição, contudo, não se confinou ao Sul e, em 1840, o Tenente-Coronel foi chamado a pacificar a Província do Maranhão, naquele movimento que foi descrito na História do Brasil como a Balaiada. As forças centrípetas começaram a se espalhar pelas províncias e os movimentos insurreccionais pululavam por todo o país.

O quadro geral de miséria e a incompetência da oligarquia tradicional levaram os rebeldes, depois de saquearem várias cidades e fazendas no Maranhão e no Piauí, a tomar a cidade de Caxias, na província do Maranhão.

Em dezembro de 1839, Caxias foi promovido a Coronel e, ao mesmo tempo, para poder ter maior liberdade de ação, foi nomeado Presidente e Comandante de Armas do Maranhão e Comandante do Exército Pacificador. Partiu do Rio de Janeiro em 22 de dezembro e chegou a São Luís em 4 de fevereiro de 1840. Fez um apelo à concórdia e não se deixou enredar nas vinganças mesquinhas dos políticos da região. Organizou três colunas para combater nas regiões de Vargem Grande, de Caxias e zona do Icatu. Após liberar a cidade de Caxias, diversos bandos de cangaceiros resolveram se entregar. Empregou então, tática astuciosa: indultou-os e ordenou que se perseguissem os demais recalcitrantes.

Recebeu, em 23 de agosto de 1840, a notícia da declaração da maioria de D. Pedro II e de sua ascensão ao trono. Como num passe de mágica os cabanos e os bem-te-vis, que então se engalinhavam ferozmente, resolveram fazer as pazes em honra ao jovem monarca. Caxias publicou um indulto em nome do Imperador e anunciou a pacificação do Maranhão em 1º de janeiro de 1841. O governo num preito de reconhecimento, promoveu-o a General em julho de 1841 e outorgou-lhe o título de Barão de Caxias



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Na Corte, a luta política entre liberais e conservadores foi se espriar pelas armas para as Províncias de São Paulo e Minas Gerais. Em 1841, os conservadores derrubaram os liberais que estavam há oito meses no poder, desde o golpe da maioria. Após a dissolução das Câmaras, acendeu-se o estopim da revolta em São Paulo, com o manifesto lançado pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que acabava de deixar o governo da Província de São Paulo, sendo aclamado Presidente Interino da Província e prestando juramento perante a Câmara na cidade de Sorocaba. Os liberais contavam com os nomes de alto coturno nas suas hostes: Padre Antônio Feijó, Teófilo Oton, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, seu irmão Martim Francisco, Limpo de Abreu e etc. A sedição de Sorocaba esperava contar dentro em pouco, com a adesão de Minas Gerais e dos farroupilhas no Sul.

O movimento em São Paulo estourou em 18 de maio de 1842 e o General e Barão de Caxias partiu para a Província rebelde no dia 19.

Os Paulistas, pela voz de Antônio Carlos desdenharam do Pacificador do Maranhão:” *para combater homens da pátria de Amador Bueno, mandam-se 400 cadáveres ambulantes*”.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

O Barão de Caxias, num lampejo de gênio e verificando que os rebeldes não tinham tomado a Capital da Província, partiu do Rio a bordo de um vapor. No dia seguinte chegou a São Sebastião, aportou em Santos no dia 21, requisitou ração para 2.000 homens e, numa arrancada, desembarcou na Capital paulista, deixando atônitos os rebeldes pela sua mobilidade e velocidade. O restante da companhia foi, no dizer

de Oliveira Lima, uma passeata militar do General Barão de Caxias. Sorocaba caiu em poder das forças legais em 20 de junho de 1842. A demora do Barão de Sorocaba não passou do dia 28; voltou à Capital, onde foi recebido com festas, e iniciou o retorno ao Rio em 8 de julho, passando por Taubaté no dia 13. Em Guaratinguetá recebeu a notícia de que foi nomeado o General-Chefe das forças pacificadoras na Província de Minas Gerais. Desembarcou no Rio em um vapor a 24 de julho e, na mesma noite foi recebido pelo Imperador para jantar no Palácio, onde tomou conhecimento do decreto que o nomeava Ajudante de Campo do Imperador.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

A Revolução Liberal Mineira estourou a 10 de junho de 1842, na véspera do embarque do Barão para as plagas paulistas. Ali, a revolta foi mais difícil de combater que a paulista, visto que os mineiros contaram com um recurso inestimável: o terreno. Tanto em São Paulo quanto em Minas os rebeldes sempre ressaltaram a figura do Imperador, seja Tobias Aguiar e o Padre Feijó em São Paulo, seja José Feliciano em Minas Gerais.

A revolta se espalhou feito epidemia nas terras das Gerais, mas na Corte no Ministério de grandes homens estava atento: José Clemente Pereira, Ministro da Guerra Honório Hermeto Carneiro Leão, Marquês do Paraná, presidente da Província do Rio de Janeiro; e o Barão de Caxias, já, então, a maior figura militar da época. O segundo Ministério Conservador contava com as figuras de proa: o Marquês de Sapucaí, na pasta do Império; o Visconde do Uruguai, na pasta da Justiça; o Visconde de Sepetiba na de estrangeiros; o Marquês de Abrantes na da Fazenda e o Marquês de Paranaguá na da Marinha. Se os liberais contavam com nomes de alto coturno os conservadores não ficavam atrás!



Fonte: Acervo da coleção do autor.

A estratégia do governo constava de quatro pontos: I) atuar por partes; II) esmagar São Paulo e vigiar Minas; III) não nomear nenhum comandante em Minas enquanto não se resolvesse o consciencioso paulista, e; IV) terminando terminado o *affaire* paulista, esmagar os mineiros.

O Barão empregou a mesma tática de São Paulo: ocupar o mais rápido possível a Capital da Província: “*Não se trata no caso propriamente de uma simples marcha. É, antes, um através das montanhas mineiras e um raid com o arrastar da artilharia.*”



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Ouro Preto foi ocupada em 6 de agosto de 1842, debaixo de ruidosas manifestações populares. O Barão profligou os políticos mineiros em carta ao Ministro da Guerra, como está assinalado nas citações no começo deste trabalho. Os rebeldes começaram a desesperar-se com a notória da rendição de Sorocaba e a ocupação de Ouro Preto. Teófilo Otoni propôs uma saída negociada e honrosa, que foi rechaçada, *in limine*, por José Feliciano, que, logo a seguir, tomou Sabará. Os

rebeldes, então, mandaram Manuel de Melo Franco ao Rio a fim de obter um decreto de anistia do Imperador. Mello Franco tentou, ainda, escrever ao Barão propondo uma anistia. Desconhecia que o Barão só anistiava depois da deposição das armas; antes não!

O Barão embarcou para Caetés, onde reuniu todas as forças legais e resolveu marchar contra Santa Luzia, pela estrada de Sabará, em três colunas: a de direita, comandada pelo seu irmão, Coronel José Joaquim de Lima e Silva; a do centro, pelo próprio Barão; e a da esquerda pelo Tenente-Coronel Ataíde. A intenção do Barão era chegar no dia 20 e atacar no dia 21, com as duas colunas fustigando respectivos flancos.

O pouco conhecimento do terreno e o espírito ofensivo dos mineiros levaram o Barão a ser atacado ao invés de atacar e, no dia 20, foi obrigado a aceitar o combate. A situação do Barão tornou-se periclitante, depois o Coronel Lima e Silva só estaria preparado para a luta 24 horas depois. E numa espécie de *grouchy* dos trópicos, não apareceu no momento crucial da batalha. No momento em que os mineiros estavam prelibando o instante da Vitória sobre o Barão, eis que o Coronel Lima e Silva, ouvindo a distância os tiros de artilharia, resolveu acelerar o passo e entrar na batalha, e, qual um *Blücher*, decidiu o destino do conflito armado. Não seria desta vez que o Barão haveria de perder essa Batalha.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Com a Vitória de Santa Luzia terminou a Revolução Liberal em Minas Gerais e a Província logo voltaria à normalidade.

A 1º de setembro, o Barão retornou a Ouro Preto, lançou um manifesto de confraternização ao povo mineiro, foi promovido a Marechal-de-Campo, chegando à Corte em 21 de setembro.

No final de 1842, com o fim das campanhas do Maranhão, de São Paulo e de Minas Gerais, a espada do Império estava pronta para debelar a Revolta dos Farrapos. Foi nomeado, a 28 de setembro, ao mesmo tempo Presidente da Província e

Comandante das Armas. Ao chegar a Porto Alegre em 9 de novembro, lançou um manifesto em que fazia um apelo de união ao povo gaúcho. O Barão enfocou o problema do sul de três maneiras: I) preparou uma distensão do ambiente para restabelecer a atividade comercial da Província em todas as direções; II) reconheceu que o fenômeno do caudilhismo, seu conhecido da época da campanha da Província rebelde da Cisplatina, deveria ser contido numa zona contígua, privando-o das faixas de fronteira, por onde poderia se comunicar com os uruguaios e, III) o sistema de combate com os rebeldes seria o de guerrilhas, com ataques de surpresa, em que o cavalo e a remonta seriam cruciais.

Astutamente, procurou cooptar o chefe rebelde, Bento Manuel, para as hostes legalistas, infiltrando-se, assim, nos meandros dos meios e modos de combater dos homens do sul. Além do mais, Bento Manuel nunca tinha perdido uma batalha, o que não acontecia com Bento Gonçalves, que, a exemplo de George Washington, era mestre na arte de perder batalhas. Caxias rumou para Alegrete, local de estacionamento das forças republicanas que ao tomarem conhecimento da aproximação do Barão, abandonaram a cidade. Os rebeldes contra-atacaram em São Gabriel, onde estava estacionada a bagagem pesada dos imperiais, surpreendendo-os e arrebatando-lhes a cavallhada.

Com a divisão do exército em duas colunas, os rebeldes tentaram dar combate à coluna comandada por Bento Manuel, que lhes infligiu uma derrota em Ponche Verde; o começo do fim. No início de 1844, entretanto, foi a Batalha de Porongos, onde o Exército Imperial vingou a derrota de São Gabriel.

No início de 1845 os chefes rebeldes reunidos, em Ponche Verde e deliberaram sobre a necessidade da paz. David Canabarro e outros chefes assinaram a ata de pacificação e dirigiram a seus companheiros uma proclamação, finalizando o período da Guerra Civil.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

O Barão foi efetivado Marechal-de-Campo em 2 de março e, quando da chegada de suas atas de eleições senatorial à Corte, foi agraciado com o título de Conde. Recebeu, antes de partir, a comitiva imperial em visita ao Rio Grande. Governou a Província por três anos e meio.

No Senado do Império encontrou seu velho pai, Senador pela Província fluminense que lhe fez companhia até a sua morte no ano de 1853.

Em 3 de fevereiro de 1852 teve início a Batalha de Caseiros às oito horas da manhã. A divisão brasileira, comandada pelo General Marquês de Souza, esperava impaciente por Urquiza, que não apareceu, e pela divisão Galã, que deveria atacar e não o fez! O futuro Conde de Porto Alegre, que não tinha vocação para *grouchy*, resolveu atacar decidindo, assim, o destino da Batalha. O desaparecimento de Urquiza deveu-se aos seus rompantes gauchescos que, descurando a sua missão de Comandante do Exército, preferiu combatê-lo cara a cara!



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Quando faleceu o Marquês do Paraná em 8 de setembro de 1856 chamaram-no para ocupar a presidência do Conselho de Ministros que acumulou com a pasta da

Guerra. Em três de maio do ano seguinte com a queda do gabinete voltou ao Senado para ser, em 1858, nomeado Conselheiro de Guerra.

O gabinete da eterna gangorra do II Império, caiu em 24 de maio de 1862 e foi substituído pelo liberal Zacharias de Góes. Neste mesmo ano, dois fatos relevantes: I) o falecimento de seu filho e; II) a sua promoção a Marechal Graduado. Permaneceu exercendo suas funções no Senado e com e como Conselheiro de Guerra, quando estourou a Guerra do Paraguai com aprisionamento do Marquês de Olinda e invasão de Mato Grosso.

Com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança – 1º de maio - o nome que se impôs, como unanimidade nacional, foi o do Marquês, mas Caxias era conservador e o Gabinete era liberal! As questões político-partidárias sobrelevaram às de segurança nacional. O impasse político foi o de querer ser nomeado ao mesmo tempo Comandante-em-Chefe do Exército e Presidente da Província do Rio Grande, como das vezes anteriores, para melhor desempenho da missão. Iria prejudicar a política do Partido Liberal na Província! E o nomeado em seu lugar, para a pasta da Guerra foi o Visconde de Camamu, o único general com quem o Marquês não tinha relações de amizade.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Com a declaração de guerra e a invasão do território nacional, a situação começou a se tornar grave, tanto que o Imperador resolveu embarcar para o sul e, para tanto, levar o Marquês por ser o seu Marechal-de-Campo. Situação deveras constrangedora para o Marquês, por ter que suportar a presença de seu inimigo - o Ministro da Guerra - e o Conde D'Eu, cuja maior ambição era ser Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro e que movia uma guerra surda contra o Marquês.

O Imperador, ainda em presença do Marquês, assistiu a rendição de Uruguaiana, onde copioso material de guerra caiu em mãos dos aliados. Nem bem

assentara a poeira de Uruguaiana, estourou na Corte a questão Christie que, depois de intensas gestões diplomáticas, teve uma solução feliz.

Depois de um ano de guerra, a avaliação não foi das mais animadoras. Apesar das vitórias de Riachuelo e Tuiuti, o Exército aliado só penetrou 14 km em território inimigo. A gota d'água, entretanto, foi o desastre de Curupaiti, que teve o mérito de acordar a Nação e trazer de volta ao Marquês, que foi nomeado Comandante-em-Chefe das Forças do Império em 10 de outubro de 1866. Um ministro forte, conservador, num gabinete liberal. As intrigas não demoraram pulular e o desfecho foi a tão propalada queda do Gabinete Zacharias em 1868.

O Marquês partiu da Corte a 29 de outubro, passou por Montevideú, Buenos Aires, Corrientes e Itapiru chegando, a Tuiuti em 18 de novembro. O moral do exército deixava a desejar pela frouxidão dos costumes e o gradativo e esmaecimento das virtudes militares. Como era do feitio do Marquês primeiro reorganizar num processo aparentemente, lento para, em seguida, lançar com o máximo de velocidade o rolo compressor. É nesta fase que se estuda o gênero organizador do Marquês.

Em 21 de julho de 1867, o Marquês considerou terminada a fase da preparação e a necessidade que saiu da defesa passiva em que o Exército se encontrava desde maio de 1866. No dia 22, teve início a marcha de flanco para Tuiu-Cuê, que terminou nessa primeira fase, com Exército vencendo o meio agreste do Chaco e a Marinha, quebrando as correntes da Fortaleza de Humaitá.

Após a vitória de Humaitá, o Marquês esbarrou com as instalações defensivas de Pequiciri - 9 km de linha fortificada - e as baterias da Fortaleza de Angostura.



1944 – Duque de Caxias na cor avermelhada azul, sem denteação, sem filigrana. PROVA.

Fonte: Acervo da coleção do autor.

O Marquês, na impossibilidade de um ataque frontal - seria rematada loucura resolveu desbordar pela esquerda, mandando construir uma estrada de mais de 13 km em meio altamente pantanoso e sujeito a escaramuças dos paraguaios. A ideia do Marquês era simples e óbvia: I) entrosar-se com e liberar a esquadra que estava sem meios de locomover-se no Rio Paraguai, e; II) desembarcar mais ao norte e atacar à la Marginot, a Fortaleza de Angostura pela retaguarda, desbarrancando o exército e Lopez, e partindo, então para Assunção, com a guerra virtualmente terminada.

A construção da estrada demorou 23 dias e deslocou 18.667 homens na retaguarda de Solano López. Se demorasse mais uns dias o Rio teria alargado a estrada! Ao desembarcar em Santo Antônio, a preocupação do Marquês era de ocupar a ponte de somente três metros, mas de barrancas altas do arroio de Tororó pela sua importância estratégica. O Visconde de Itaparica, contudo, disse-lhe que os paraguaios tinham chegado primeiro.

No dia seguinte - 6 de dezembro - foi promovido o ataque e, depois de três investidas das tropas brasileiras e três recursos a situação começou a se tornar perigosa, quando Fernando Machado pagou com a vida e Argolo e Gurjão, com ferimentos graves. A tropa começou a ceder e a recuar em desordem, quando veio Marquês de 65 anos desembainhou a sua espada e soltou o grito que eletrizou a soldadesca: ***Sigam-me os que forem brasileiros!***

O entusiasmo de Caxias foi o fator essencial para passagem de Itororó.

No começo do ano de 1869 o Marquês enviou o coronel Hermes da Fonseca para ocupar Assunção. Quatro dias depois, estava em Assunção para dirigir a ocupação militar. A população do país tinha sido reduzida a frangalhos.



Fonte: Acervo da coleção do autor.

Após te-déum na Capital dos paraguaios e acompanhado de todo o Estado-Maior, o Marquês sofreu uma síncope, que durou meia hora. Contava, então, 66 anos, e o esforço inaudito dos dois últimos anos foram sobre-humanos. Resolverão, então, embarcar o Marquês para a Corte em 22 de janeiro. Chegou ao porto do Rio de Janeiro no dia 15 de fevereiro onde não havia nenhum representante, seja do Ministro da Guerra, seja do Conselho de Ministros, seja do Senado do Império e, muito menos do Imperador. O Marquês desembarcou em melancólica solidão.

A 23 de março de 1870 resolveu recebeu o título de Duque. Em 1874 faleceu a Duques e Caxias realizou seu testamento. Em junho de 1875, o Imperador, desejando fazer uma longa viagem pelo mundo, convidou Duque para presidir o Conselho e ocupar, pela terceira vez, a pasta da Guerra. Em dezembro, em plena efervescência da **Questão Religiosa**, o Duque conseguiu do Imperador, que não era muito favorável, um Decreto concedendo anistia aos bispos envolvidos na cognominada **Questão Religiosa**. O Imperador partiu em viagem, deixando a Princesa Isabel como Regente do Trono.

No final de 1877, ao regressar, o Imperador demitiu o Gabinete e nomeou, no dia 5 de janeiro de 1878, o Gabinete Liberal de Sinimbu. O Duque de Ferro, desgostoso, refugiou-se na Fazenda Santa Mônica, onde permaneceria até sua morte, em 7 de maio de 1880. No dia seguinte, o corpo foi conduzido para o Rio de Janeiro, onde foi enterrado no dia 10, no cemitério do Catumbi. E no dizer de um historiador, ”*segue-se o cortejo fúnebre, numa fila tão grande de carruagens que, quando a primeira chegou ao cemitério do Catumbi, ainda havia carros que não tinham saído do palacete da Tijuca. É o maior inteiro da época*”.

Morreu ou Condestável do Império, nasceu o Herói da Nacionalidade e o Patrono do Exército Brasileiro.

* Renato Mauro Schramm

Presidente do Clube Filatélico Maçônico do Brasil - CFMB

Presidente de Honra da Associação dos Filatelistas Brasileiros - FILABRAS

Presidente em Exercício da Academia Brasileira de Filatelia - ABF

Membro do Conselho Fiscal da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina - AFSC

Membro Honorário da Associação Italiana de Filatelia Maçônica – AIFM de Roma, Itália

Aeroporto de Chapecó

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Chapecó se localiza na mesorregião Oeste Catarinense e exerce forte influência regional, destacando-se perante os outros municípios em termos populacionais e socioeconômicos. A localização geográfica de Chapecó, isolada dos maiores centros urbanos do sul do país, enfatiza o aeroporto enquanto importantíssimo nó de conexão regional sendo seus limites ao Norte os Municípios de Coronel Freitas, Nova Itaberaba e Cordilheira Alta, ao Sul o estado do Rio Grande do Sul, ao Leste os Municípios de Itá, Seara, Xaxim e Arvoredo e a Oeste os Municípios de Nova Itaberaba, Guatambu e Planalto Alegre. Chapecó possui uma área aproximada de 626Km² e está a aproximadamente 550 km de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

O **Aeroporto de Chapecó - Serafim Enoss Bertaso** é um aeroporto regional brasileiro localizado no município de Chapecó, em Santa Catarina. É um importante centro de tráfego aéreo do interior do país, pois atende à demanda de todo o Oeste Catarinense.



O Aeroporto Municipal Serafim Enoss Bertaso situa-se na porção sudoeste do Município de Chapecó, nas proximidades com o bairro Quedas do Palmital, a cerca de 9 km de distância da região central do núcleo urbano.

O Aeroporto foi homologado pelo extinto Departamento da Aviação Civil (DAC), denominado Aeroporto Serafim Enoss Bertaso com sigla ICAO SBCH e IATA XAP, de acordo com a Portaria DAC nº 587/SOP, de 07 de agosto de 1997, para as condições VRF Diurno / Noturno e IFR Diurno / Noturno, alterada pela Portaria ANAC nº 1357/SIA, de 04 de julho de 2012.

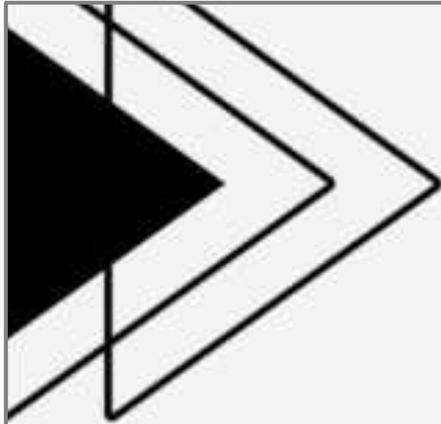
É o quarto aeroporto em movimento do estado, com 454.415 passageiros transportados em 2019, atrás do Aeroporto Internacional de Florianópolis, do Aeroporto Internacional de Navegantes e do Aeroporto de Joinville.

Possui capacidade para operar com aeronaves de até 186 passageiros. Opera com as companhias aéreas Azul Linhas Aéreas, Gol Linhas Aéreas e LATAM Airlines Brasil.

O primeiro aeroporto do município foi construído em 1948, no bairro São Cristóvão, sendo denominado *Aeroporto Paulo Marques*, com estrutura simples, pista de terra e apenas um hangar. Operava basicamente aviões Douglas DC-3, sendo atendido pela Varig, Cruzeiro do Sul e Sadia, que mais tarde se tornou a Transbrasil.

Devido ao espaço reduzido, suas operações eram limitadas. Para sanar este problema, foi construído o novo e atual aeroporto, no sudoeste de Chapecó, inaugurado em 18 de março de 1978, com capacidade ampliada para voos regulares.





BRAPEX 2025

11 A 13 DE DEZEMBRO
DAS 10 ÀS 17 HORAS

175 ANOS DOS
VERTICAIS

**HOTEL NACIONAL INN
JARAHUÁ**

RUA MARTINS FONTES, 71 - SÃO PAULO



Os Defeitos Primários dos Selos de 50 réis da Emissão Madrugada Republicana nos Bilhetes Postais

Márcio Hamilton Protzner de Oliveira - Belo Horizonte, MG

Introdução

A ideia de fazer esse estudo, baseado na esplêndida obra – BRASIL: ESTUDO SOBRE AS EMISSÕES DE 1894 A 1906 – dos filatelistas e estudiosos Helmuth Ponge, J. L. E. Baade e Horst Flatau, surgiu recentemente. Ele tem o intuito de sistematizar minimamente uma pesquisa sobre a ocorrência dos DP's (defeitos primários) nos selos adesivos de 50 réis de chapa inteiriça da emissão 1894-1906, emissão essa conhecida como Madrugada Republicana, listados no catálogo RHM (Rolf Harald Meyer) com os números RHM 92, RHM 101 e RHM 109, e suas variantes e os DP's presentes nos selos fixos dos BPs (bilhetes-postais) de 50 réis e catalogados no RHM como RHM BP-53 ao RHM BP-55, de 1898, e os RHM BP-62 ao RHM BP-64, de 1903, com as suas variantes.

Esse estudo não tem a pretensão de criar conceitos novos e, com certeza, possui erros e falhas, porém ele cumprirá o seu dever, caso estimule a outros filatelistas pesquisarem sobre o assunto.

A numeração dos selos e dos BPs utilizados é a do catálogo RHM de 2019, 61ª edição. A classificação dos DP's utilizada, é a da obra do Ponge, assim também como o texto que foi adaptado. Dessa obra, também foram obtidos os esboços e as imagens.

Ofereço esse texto ao Roberto Eissler, pela sua ótima “provocação” e também pela revisão realizada. Agradeço ao numismata Sérgio Francisco e ao filatelista Reinaldo Macedo pelas informações recebidas.

Histórico dos Bilhetes-Postais

O bilhete-postal foi idealizado pelo alemão Heinrich von Stephan, como sendo um modelo de impresso rígido, do tamanho de um envelope, onde poderia ser escrita a mensagem e postar, sem a necessidade de um envelope fechado. A sua natureza excluía a necessidade de formalidades da escrita e traria um selo do correio pré-estampado, que o tornaria pronto a ser remetido. Apresentada a ideia do BP ao correio alemão, na Conferência Postal de Karlsruhe em 1865, ela foi rejeitada, por receio de prejuízo à administração dos correios. No início de 1869, Emanuel Hermann publicou em Viena uma análise do sistema postal austríaco e sugeriu a introdução de um postal semelhante ao proposto anteriormente por von Stephan, com um porte inferior ao da taxa postal padrão. Não se sabe, se a proposta de von Stephan era do conhecimento de Hermann. O fato é que as autoridades postais do Império Austro-Húngaro abraçaram a ideia e em 1º de outubro de 1869 entrou em circulação o primeiro BP.

No Brasil Imperial, os BPs foram criados em 1880 conforme o Decreto nº 7695 de 28 de abril de 1880 - “*Haverá bilhetes postaes do valor de 40 réis para o interior do paiz e de 80 réis para o exterior, os quaes, em ambos os casos, poderão ser com resposta paga*”. Ainda em 1880, os Correios emitem BPs com o valor facial de 20 réis para o uso do correio urbano.

Torna-se interessante descrever as recomendações brasileiras para o uso correto dos BPs: eles deveriam apresentar as dimensões de 120 a 140mm de largura, por 80 a 90 mm de altura, com o peso entre 2 a 5 gramas; deveriam conter no alto do anverso a designação BILHETE POSTAL em francês ou na língua do país de origem, além do selo fixo estampado; os BPs deveriam ser postados a descoberto e não enrolados ou metidos em sobrecartas ou acondicionados de modo a ficar oculta parte de sua superfície; à exceção de selos adesivos e de uma etiqueta impressa, carimbo ou chancela, indicando informações do remetente tais como nome, endereço, qualidade ou profissão, não era permitido fixar nenhum outro papel; poderiam ser fixados selos para o complemento do porte; os BPs que não satisfizessem as condições determinadas, seriam taxados como cartas.

República – Selos, Bilhetes-Postais e Tarifas

Após a Proclamação da República, as tarifas postais que vigoravam no Império foram mantidas até 31 de dezembro de 1897; essas tarifas estavam de acordo com as tabelas do Decreto nº 9912-A de 26 de março de 1888 e determinavam uma taxa de 40 réis (fig. 1) para os BPs de circulação nacional e de 80 réis (fig. 2) para os BPs de circulação para o exterior. Naturalmente que para os BPs duplos, cobrava-se o dobro do valor.

Em 1890, os Correios do Brasil emitiram os novos BPs com o selo fixo mostrando a alegoria da República, representada por uma efigie feminina com o barrete frígio, de perfil



Fig. 1



Fig. 2

voltada para a esquerda, nos valores de 40 e 80 réis; no fundo estampada a imagem do Pão de Açúcar, ornamentada por arabescos. Esses selos fixos de 40 e 80 réis nunca foram emitidos isoladamente como selos adesivos.

Em 10 de abril de 1894 foi publicado o Decreto nº 1692-A, aprovando o novo Regulamento dos Correios da República, que mantinha os valores dos portes do período imperial. No seu artigo 23, já constavam os valores dos selos isolados que só circulariam a partir de 20 de setembro e ainda a manutenção dos valores dos Bps.

O Boletim Postal de agosto de 1894, publicou na página 141 o edital de 20 de julho, informando sobre o lançamento das novas fórmulas de franquia, que passariam a circular a partir de 20 de agosto descrevendo-as em minúcia, inclusive informando as cores dos selos fixos de 40 e 80 réis dos BPs. Interessante é que lendo o edital, tem-se a impressão



Fig. 3



Fig. 4

de que existiriam selos adesivos de 40 e 80 réis, algo que não aconteceu. O início da circulação dos selos adesivos foi adiado para 20 de setembro.

Os BPs só começaram a circular em abril de 1895, taxa de 40 réis (fig. 4), e em outubro de 1895, taxa de 80 réis (fig. 4); porém as cores descritas no edital de julho não foram seguidas

No BP de 40 réis, ao invés de papel de cor roxa na face impressa e de cor cinzenta no verso, o papel utilizado foi de cor parda, com o ornamento de fundo semelhante ao do BP de 1890 na cor azul e as cores do selo fixo foram as informadas pelo edital, verde claro e azul. Já o BP de 80 réis foi impresso todo em papel azulado, ao invés de amarelo na parte impressa e cinzento no verso. As cores do selo fixo foram as informadas pelo edital: roxo e azul. O BP de 80 réis possuía o mesmo fundo em azul do BP de 1890 – o Pão de Açúcar ornamentado com arabescos. O ornamento do fundo era semelhante nos BPs de 1890 e 1895, porém foi retocado, retirando-se a imagem do denteado que envolvia o selo fixo dos BPs de 1890 (fig. 5 e 6).



Fig. 5



Fig. 6

Coube ao gravador português José Martins Gomes Villas Boas (1857-1934), então chefe das Oficinas de Xilogravura da Casa da Moeda, fazer o cunho dessa alegoria para os BPs, deixou as suas iniciais (VB) registradas no clichê, (fig. 7 e 8)

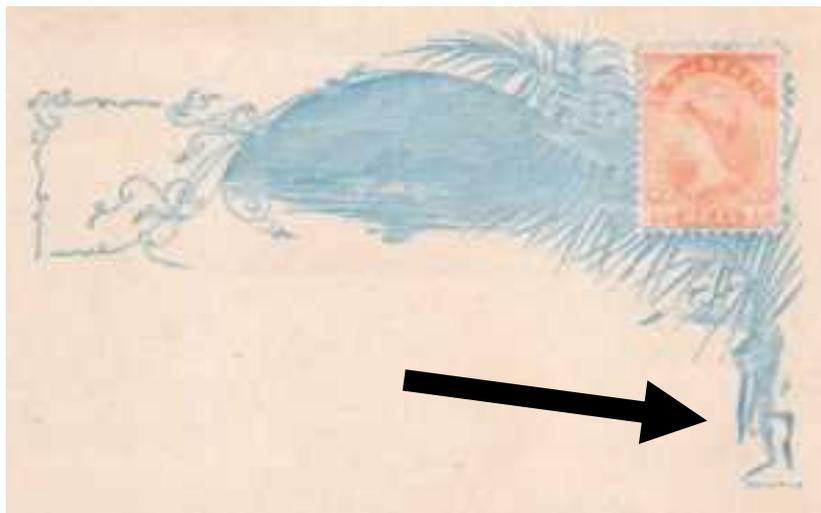


Fig. 7



Fig. 8

Os selos adesivos da emissão 1894-1906 e os BPs com o selo fixo baseados na mesma emissão foram produzidos e impressos na Casa da Moeda do Brasil.



Fig.9

Muito provavelmente, o desenho da alegoria do fundo foi realizado pelo artista alemão Benno Treidler (1857-1931) que não era funcionário da Casa da Moeda, mas contratado ocasionalmente para trabalhos independentes. Acredito que a abreviatura BT indica o autor do desenho (fig. 9)

A Lei nº 489 de 15 de dezembro de 1897, que fixava o Orçamento Geral da República, alterou as tarifas postais. A partir de 1º de janeiro de 1898 passou a vigorar o novo valor de 50 réis para o porte de BP simples de circulação nacional e o de 100 réis para a circulação para o exterior. Tendo em vista essa mudança, os Correios do Brasil encomendaram à Casa da Moeda um novo modelo de BP para a circulação interna.

O novo BP era bastante semelhante ao BP de 40 réis. Manteve-se o papel cartão de cor parda e o ornamento do fundo, retocado como já informado anteriormente, foi mantido sem o “denteado”, passando a ter uma cor marrom ao invés de azul. O selo fixo de 40 réis de cor verde e azul é substituído por um selo semelhante no valor de 50 réis de cor azul.



Fig. 10

Para esse fim, a Casa da Moeda, a partir de dezembro de 1897, preparou uma nova matriz de selo fixo com o valor de 50 réis, usando a moldura do tipo B (N com ponto) e nela encaixando e fixando o centro de 50 réis, ligeiramente aparado, permitindo que a impressão fosse realizada em uma só etapa. Por um edital de 15 de abril de 1898, os BPs de 40 réis foram retirados de circulação, isso é não foram mais colocados à venda, porém não foram desmonetizados, pois encontramos vários circulando, com complemento de porte, após essa data. Com certeza, os BPs de 50 réis começaram a circular entre janeiro e abril de 1898 (fig. 10).

Essa mudança no método de impressão dos BPs pela Casa da Moeda, em uma só operação e sem o conhecimento e a autorização, ou seja, à revelia dos Correios, facilitou o trabalho da impressão, pois evitou que as folhas voltassem mais uma vez à impressora apenas para imprimir o centro do selo fixo. Isso foi possível pelo fato de que o selo adesivo de 50 réis que era impresso em duas etapas, possuía o centro e a moldura da mesma cor, azuis. Se por acaso o selo e a moldura fossem de cor diferentes, não seria possível fazer essa modificação, que permaneceu oculta dos filatelistas até 1921, quando foi descoberta e detalhada por José Kloke (fig. 11 e 12). Os selos de 50 réis foram impressos em azul do início de 1897 a janeiro de 1900, quando passaram a ser impressos em verde.



Fig. 11



Fig. 12

Os selos fixos do novo bilhete postal, são semelhantes aos selos adesivos modificados, denominados, no estudo do Ponge, de 50 réis tipo II. Repetindo, eles são provenientes do selo adesivo de impressão em 2 etapas, cujo centro foi aparado e fixado na moldura B. No Catálogo RHM são os selos RHM 92 e variantes. Segundo Ponge, a obliteração mais antiga desse selo seria 12 de março de 1898, porém este autor possui um exemplar com a data de 15 de fevereiro de 1898. A principal diferença entre o RHM BP-53 ao RHM BP-55, de 1898, e os RHM BP-62 ao RHM BP-64, de 1903, é que nos de 1898 a frase NESTE LADO SÓ O ENDEREÇO está grafada em letra minúscula e nos de 1902 está em letra maiúscula

Como eram produzidos os selos adesivos da emissão Madrugada Republicana e os BPs do mesmo período?

Os selos, pelo menos as molduras, foram, segundo o antigo gravador da Casa da Moeda Belarmino Pinheiro, desenhados por Guilherme Stoffel e abertas em cunho de madeira por José Villas Boas. Teriam os centros sido desenhados por Benno Treidler? A seguir, por galvanoplastia, obtiveram-se a matriz em cobre. A partir dessa matriz criaram-se os clichês para a confecção das chapas que foram usadas para a impressão das folhas dos selos, por tipografia.

Já os BPs foram impressos também por tipografia, porém a montagem dos clichês ocorreu de forma diferente.

O desenho de fundo é gravado em madeira, na técnica de xilogravura e, em seguida, por galvanoplastia, é produzida a matriz em cobre e dessa, os clichês para a confecção da(s) chapa(s) para a impressão do fundo com a imagem do Pão de Açúcar em azul e posteriormente em marrom. Quantos bilhetes postais poderiam ser impressos na máquina de tipografia? A resposta, no momento, é uma incógnita, pois não consegui obter informações sobre a impressora tipográfica usada naquele período pela Casa da Moeda. Esses clichês foram montados individualmente, tantos quanto coubessem na rama tipográfica. As folhas já impressas com desenho de fundo voltavam para a máquina tipográfica para a impressão em azul dos clichês com os dizeres, as linhas e o selo fixo. Como os clichês eram montados individualmente, surgem nesse momento, as variantes milimétricas dos BPs descritas na Catálogo RHM.

Resumidamente temos, nos finais de 1897 e início de 1898, os seguintes fatos:

- 1 - Surge uma nova moldura para a impressão dos selos adesivos da emissão de 1894-1906, a chamada moldura B (N de UNIDOS com ponto), cuja data mais antiga de utilização é, segundo Ponge, 4 de dezembro de 1897;
- 2 - O selo adesivo da emissão 1894-1906 de 50 réis, que era impresso em duas etapas, uma para a impressão da moldura e outra para a impressão do centro, passa a ser impresso em uma só etapa, sendo que a data mais antiga relatada é 15 de fevereiro de 1898 (acervo do autor);
- 3 - Em 15 de dezembro de 1897, a Lei nº 489, altera o valor das tarifas dos Correios, sendo que a tarifa para o bilhete-postal de circulação nacional passa de 40 réis para 50 réis;
- 4 - Um novo bilhete-postal surge no valor de 50 réis, semelhante ao anterior, porém com as cores diferentes. Não se conhece a data exata do início de sua circulação, porém em 15 de abril de 1898, são recolhidos os bilhetes de 40 réis;
- 5 - O selo fixo de 50 réis do novo BP é semelhante ao selo adesivo da emissão de 1894-1906 em circulação.

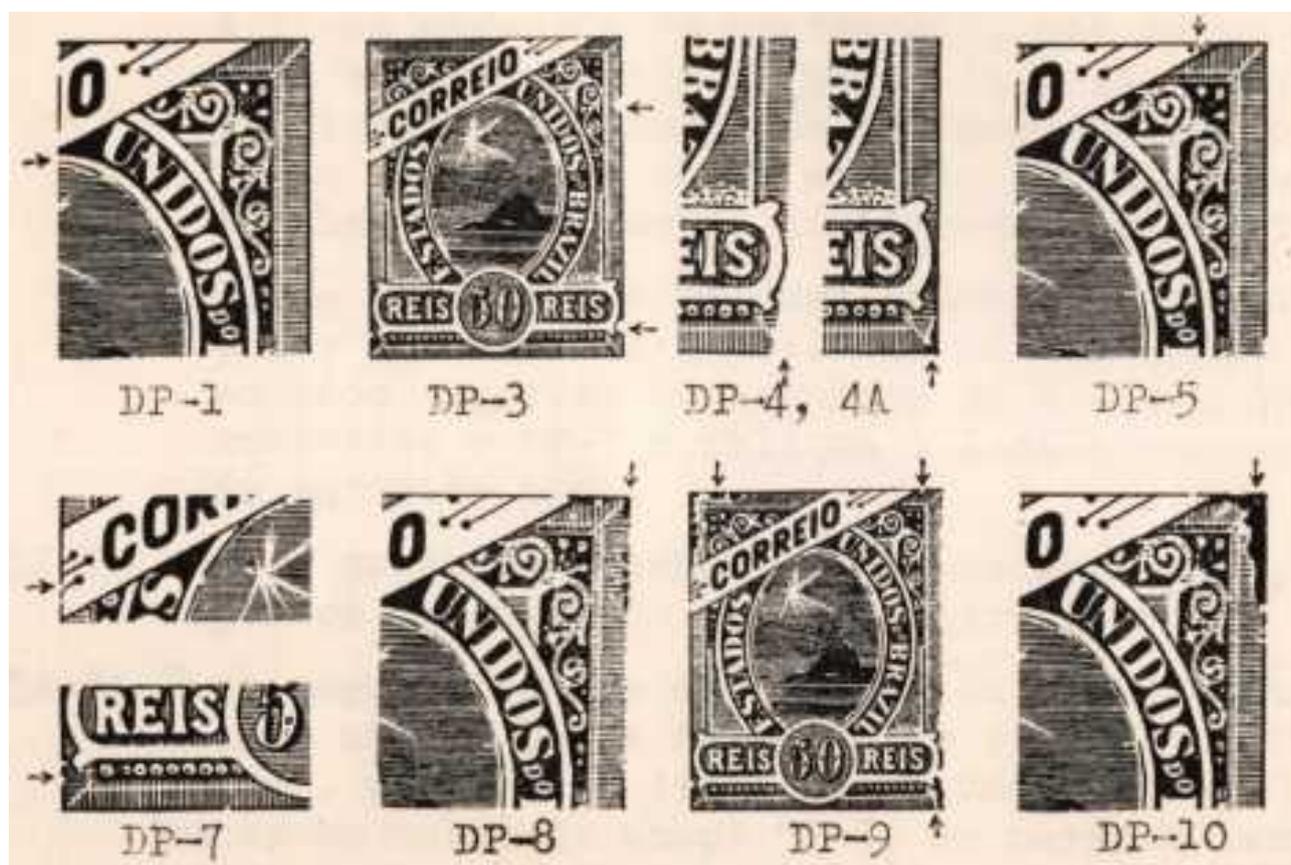
Defeitos Primários nos Selos Adesivos e nos Selos Fixos

A pergunta, que é a razão desse artigo/estudo: foram utilizados os mesmos clichês dos selos de 50 réis para produzir os selos adesivos e os selos fixos dos BPs?

Para responder a essa pergunta, será preciso antes explicar como eram produzidas as folhas do selo adesivo de 50 réis da emissão 1894-1906 e o surgimento dos DPs. Após a confecção dos clichês, cada um correspondendo a um selo, esses eram agrupados em 2 fileiras de 5 selos, formando uma unidade de 10 selos, denominada pelo Ponge de “bloco de dez”. Em seguida, eram produzidos, por galvanoplastia, 10 blocos de dez semelhantes e agrupados em 2 painéis, cada um com 5 blocos de dez. Portanto, os selos que compunham o bloco de dez estavam sempre na mesma posição do referido bloco. Cada selo, geralmente, tinha a sua própria “identidade”, ou sejam marcas ocorridas durante a fabricação de cada clichê. A essas marcas nos selos, que se repetiam 10 vezes em cada folha, Ponge denominou-as de defeitos primários – DP. Ao contrário dos selos impressos em 2 etapas, em que as molduras eram soldadas, nos selos de 50 réis tipo II elas podiam ser trocadas, de posição no bloco de dez, quando eram realizadas as montagens de outras composições para novas impressões e, portanto, poderiam ser utilizadas na confecção dos clichês dos BPs.

Ponge conseguiu identificar DPs em 7 selos do bloco de dez.

A conclusão, então para comprovar a utilização dos clichês dos selos, é encontrar nos selos fixos dos BPs os mesmos DPs dos selos adesivos.



- *DP-1 – Pequena barra na perna esquerda do N de UNIDOS, junto à sua intersecção com a travessa da letra. Ocorria no primeiro selo do bloco de dez;
- *DP-3 – Duas pequenas bolsas no sombreado da margem direita, uma na altura das letras ID de UNIDOS e a outra junto à tabuleta de REÍ\$S. Ocorria no terceiro selo do bloco de dez;
- *DP-4 – Falta a linha do enquadramento do canto inferior direito e, também, o sombreado no canto inferior direito. Ocorria no quarto selo do bloco de dez;
- *DP-4A – Matriz do DP-4 retocada: adicionada a linha de enquadramento do canto inferior direito, que foi completado por uma mancha irregular. Ocorria no quarto selo do bloco de dez;
- *DP-5 – Dois minúsculos pontos de cor na extremidade superior da faixa do CORREIO. Ocorria no quinto selo do bloco de dez;
- *DP-7 – A linha do contorno superior é interrompida entre as linhas central e inferior do ornato trilinear direito da faixa de CORREIO; pequena reentrância oblíqua logo abaixo do bico inferior da tabuleta de Réis à direita. Ocorria no sétimo selo do bloco de dez;
- *DP-8 – Várias pequenas manchas de cor no sombreado, junto à parte superior da linha de contorno, à direita. Ocorria no oitavo selo do bloco de dez;
- *DP-9 – Pequena bolsa branca na margem superior à direita, depois da faixa de CORREIO. Várias manchas de cor no canto superior esquerdo, junto às linhas de enquadramento. O canto inferior direito é empastado e de contorno irregulares. Ocorria no nono selo do bloco de dez;
- *DP-10 – Manchas de cor avantajadas no canto superior direito, junto às linhas de contorno. Ocorria no décimo selo do bloco de dez.

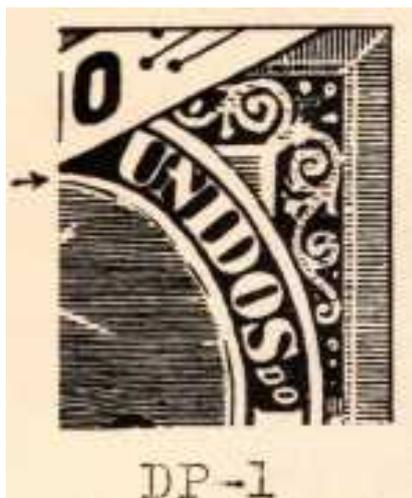
Cabe salientar, que ao contrário dos selos impressos em 2 etapas, que tinham os clichês das molduras fixas nos blocos de dez, a posição dos clichês do selo de 50 réis impresso em uma etapa, após a impressão dos selos azuis e das primeiras chapas do selo verde (após 1º de fevereiro de 1900), não mais guardaram a posição no bloco de dez inicial.

Como será mostrado adiante foram relacionados os defeitos secundários encontrados nos selos adesivos citados na obra do Ponge, separando-os segundo os clichês. Os defeitos ditos secundários, eram defeitos de impressão persistentes que surgiram aleatoriamente nos selos impressos. Foram produzidos por danos ou resíduos nas chapas durante a impressão e, ao contrário dos DPs, eram encontrados um só por folha impressa. É claro que uma folha poderia ter mais do que um defeito secundário diferente.

Curiosamente, não encontrei os defeitos secundários nos clichês dos selos fixos dos BPs. Acredito que os clichês para os selos fixos foram separados antes da montagem das chapas e, portanto, antes de sofrerem danos.

Partindo agora para encontrar os DPs nos selos fixos dos BPs, e responder à pergunta proposta, apresento a seguir a minha pesquisa:

DP-1



Pequena barra na perna esquerda do N de UNIDOS, junto à sua intersecção com a travessa da letra. Em exemplares impressos com excesso de tinta, a pequena saliência na perna do N, a característica evidente do DP-1, é muitas vezes encoberta. Nesses casos deve-se observar o ângulo formado pela perna e a travessa, que é agudo nos selos normais e cortado nos exemplares com o defeito primário.

O DP-1, segundo Ponge, ocupa nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 1
- . chapa 52-1B posição 1
- . chapa 52-2 posição 2
- . chapa 52-3 posição 3
- . chapa 52-4 posição 2
- . chapa 52-5 posição 5 (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm)



DP-3



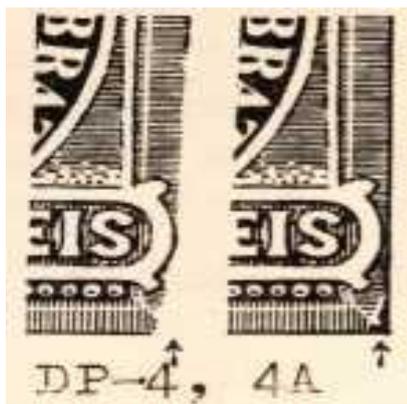
Duas pequenas bolsas no sombreado da margem direita, uma na altura das letras ID de UNIDOS e outra junto à tabuleta de RÉIS.

O DP-3, segundo Ponge, ocupa nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 3
- . chapa 52-1B posição 3. chapa 52-2 posição 5 (?)
- . chapa 52-3 posição 4
- . chapa 52-4 posição 4
- . chapa 52-5 posição 2 (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm)



DP-4 e DP-4A



No DP-4 falta a linha de enquadramento da direita e o sombreado no canto inferior direito.

Matriz com o DP-4 retocada: adicionada a linha de enquadramento da direita e completado o canto inferior por mancha irregular. Surge então o DP-4A.

O DP-4 e o DP-4A, segundo Ponge, ocupam nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 4
- . chapa 52-1B posição 4
- . chapa 52-2 posição 4 (DP-4A)
- . chapa 52-3 posição 5 (DP-4A)
- . chapa 52-4 posição 5 (DP-4A)
- . chapa 52-5 posição 1 (DP-4A) (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm).



DP-4 e DP-4A



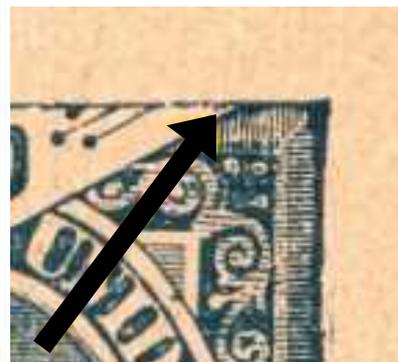
DP-5



Dois minúsculos pontos de cor na extremidade superior da faixa de CORREIO. Nos exemplares impressos com excesso de tinta, este cobre, por vezes, o espaço entre os dois pontinhos, formando um só ponto maior e irregular.

O DP-5, segundo Ponge, ocupa nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 5
- . chapa 52-1B posição 5
- . chapa 52-2 posição 3
- . chapa 52-3 posição 1
- . chapa 52-4 posição 1
- . chapa 52-5 posição 4 (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm).



DP-7



A linha de contorno superior é interrompida entre as linhas central e inferior do ornato trilinear esquerdo da faixa de CORREIOS; pequena reentrância oblíqua localizada logo abaixo do bico inferior esquerdo da tabuleta de valor.

Observação: ao determinar o DP-7 deve-se ter presente as seguintes particularidades: Nos selos com a moldura B, a linha esquerda do contorno é sempre interrompida abaixo da haste inferior do enfeite trilinear. No DP-7, a interrupção localiza-se entre as duas linhas inferiores.

O DP-7, segundo Ponge, ocupa nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 7
- . chapa 52-1B posição 7
- . chapa 52-2 posição 7
- . chapa 52-3 posição 7
- . chapa 52-4 posição 1
- . chapa 52-5 posição 1 (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm).



DP-8 e DP-8A



Várias pequenas manchas de cor no sombreado, junto à parte superior da linha de contorno direita. O DP-8 tem um segundo estado, o DP-8A, que apresenta uma linha formada por traços e pontos na margem superior, paralela à linha de enquadramento. O DP-8A ocorre somente nos selos da chapa 52-5 de margens largas. Não deve ser confundido com defeitos secundários não sistemáticos semelhantes e que ocorrem em outras posições. O DP-8, segundo Ponge, ocupa sempre a posição 8 do bloco-matriz ou bloco-de-dez.

- . chapa 52-1A posição 8
- . chapa 52-1B posição 8
- . chapa 52-2 posição 8
- . chapa 52-3 posição 8
- . chapa 52-4 posição 8
- . chapa 52-5 posição 8 (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm).



DP-9 e DP-9A



Pequena bolsa branca na margem superior, depois da faixa de CORREIO. Várias manchas de cor no canto superior esquerdo junto às linhas de enquadramento. O canto inferior direito é empastado e de contornos irregulares. Falta a linha de contorno da direita, como no DP-6. No DP-9A permanece a bolsa na margem superior. Das manchas no canto superior esquerdo aparecem apenas vestígios. O sombreado da direita e os contornos do canto inferior direito foram completados, provavelmente por retoque.

O DP-9 e o DP-9A, segundo Ponge, ocupam nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 9
- . chapa 52-1B posição 9
- . chapa 52-2 posição 9
- . chapa 52-3 posição 9
- . chapa 52-4 posição 9
- . chapa 52-5 posição 10 (DP-9A) (chapa do grupo 2 –



DP-10



Manchas de cor avantajadas no canto superior direito, junto às linhas do contorno.

O DP-10, segundo Ponge, ocupa nas diferentes chapas, as seguintes posições no bloco-de-dez:

- . chapa 52-1A posição 10
- . chapa 52-1B posição 10
- . chapa 52-2 posição 6
- . chapa 52-3 posição 6
- . chapa 52-4 posição 7
- . chapa 52-5 posição 7 (DP-9A) (chapa do grupo 2 – espaçamento de 2mm).



Bibliografia:

- . PONGE, H; Baade, J. L. E; FLATAU, H. Brasil: Estudo Sobre as Emissões de 1894 a 1906. São Paulo; 1963.
- . MEYER, P; MEYER, M. P. Catálogo de Selos do Brasil. 61ª edição. São Paulo: Editora RHM Ltda, 2019
- . BOLETIM POSTAL – Rio de Janeiro – Imprensa Nacional – 1893 a 1903 (diversos boletins).
- . BRANT, F. J. A. Commentários ao Regulamento dos Correios do Brasil. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1911.
- . MOTA, J. M. M; VIEIRA, A. M. O. Portugal: Ceres – Variedades de Clichê. Portugal: 1992.
- . SANTOS, E. L; Como Classificar os Inteiros Postais do Brasil: 1867-1987. s/data.
- . WILLOUGHBY, M. História do Bilhete-Postal. Lisboa: Editora Caminho AS, 1993.
- . QUEIROZ, R. G. Introdução ao Estudo da Filatelia. Brasília: edição do autor, 1980.
- . Biblioteca Nacional: Hemeroteca. Disponível em www.bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ Acesso em agosto de 2024. (diversos jornais).
- . Benno Treidler | Enciclopédia Itaú Cultural(itaucultural.org.br) Acesso em agosto de 2024.
- . RIBEIRO, A. Madrugada Republicana – II. Revista Mosaico, Belo Horizonte, nº 9, pg. 42-43, novembro, 1993.
- . Kloke, J. Catálogo Histórico dos Selos Typos do Brasil. São Paulo: Sociedade Philatélica Paulista, 1921.

Autor: Márcio Hamilton Protzner de Oliveira
mmel.bh@terra.com.br
(31) 99983-2064



POSTMIX
Gráfica Offset & Digital

Entrevista - Romeu Odilo Trauer

Peter Johann Bürger - Florianópolis, SC

Professor Romeu Odilo Trauer, o entrevistado do Boletim Santa Catarina Filatélica, nasceu em São Luiz Gonzaga, RS, em 9 de agosto de 1942. Reside em Florianópolis, desde 1967, onde desenvolveu sua carreira profissional. Depois de uma vida como Professor Universitário, iniciou outra, como Filatelista. Aposentou-se na UFSC em 1994, mas permaneceu como colaborador até 2004. A partir daí, passou a se dedicar ao seu hobby e à AFSC. Atende interessados na área de Filatelia e presta orientação sobre colecionismo em geral. Sempre que pode, está presente em fóruns filatélicos. Na AFSC já foi Diretor de Sede, e ocupou cargos no Conselho Fiscal. Atua na organização anual do Encontro de Colecionadores e em campanhas sobre Filatelia junto aos jovens. Atualmente é Diretor-Secretário da AFSC.



O Professor Romeu Odilo Trauer nos recebeu gentilmente para relatos de sua história, seus interesses e conhecimentos na área da Filatelia. Tivemos uma conversa muito afável. Agradecemos por toda sua atenção e concordância em nos conceder esta entrevista.

Santa Catarina Filatélica - Onde e em que data nasceu?

Romeu Odilo Trauer - Nasci em São Luiz Gonzaga, RS, em 9 de agosto de 1942, portando completarei 82 anos. Era um período de guerra, um ano muito frio, inclusive com neve. São Luis era uma redução missioneira criada pelos padres jesuítas em 1678. Fazia parte da conhecida República Guarani.

SCF - Quem é o Professor Romeu Odilo Trauer?

ROT - Um professor universitário aposentado que se dedica atualmente ao ócio criativo com ênfase em Filatelia.

SCF - Fale sobre sua carreira profissional?

ROT - Próximo da formatura em 1966, fui prospectar emprego. Participei de várias entrevistas. Uma delas para área de manutenção do Banco da Província.

Lá fiz um exame psicotécnico. Resultado da psicóloga: seu perfil não é para esse serviço aqui, na área de manutenção de máquinas. Seu perfil se encaixa melhor nas profissões de professor, padre ou militar. Também fiquei sabendo que estavam selecionando professores para o Curso de Engenharia em Florianópolis. Lembrei-me do resultado do exame psicotécnico, indicando aptidão para professor. Fiz a entrevista e fui indicado. Porém, ainda tinha que participar do concurso e se aprovado seria admitido. Terminado o processo, fui aceito. Assim que em março de 1967 fui contratado como assistente de Cálculo I e Vibrações Mecânicas. Em janeiro de 1968, casamento. Em julho de 1968, o regente de Cálculo I se demitiu e eu fui indicado para ser Regente de Cálculo I. Não demorou e veio o resultado que tínhamos ganhado a Bolsa de Estudos para Alemanha. Eu para Engenharia e minha esposa para Ensino de Alemão. O meu trabalho na Alemanha foi na área de Resistência de Materiais. Trabalhei em análise de tensões em tanques e reservatórios. Resumindo, no retorno em abril de 1970 a Reforma do Ensino já estava implantada na UFSC. Nesse ano assumi a disciplina de Resistência de Materiais. Fiz o Mestrado em Engenharia Mecânica em paralelo as aulas da graduação, finalizando em 1974. Em 1975 fiz o Curso de Engenharia de Segurança do Trabalho. Mais tarde, com a necessidade de formar um corpo técnico para a implantação de Usinas Nucleares, concorri e fui contemplado com uma bolsa para Doutorado. Optei por ir ao mesmo Instituto onde havia estado na Alemanha em 1969. Eles trabalhavam na área de Contenção do Núcleo do Reator Atômico. No final dos quatro anos, não consegui o título de Doutor, pois meu trabalho experimental não permitiu chegar a uma conclusão. Esse curso na Alemanha aproveitei como Curso de Aperfeiçoamento na área da Mecânica da Fratura e projeto de estruturas metálicas.

SCF - O que contaria da sua história na Filatelia? Como despertou seu hobby da filatelia.

ROT – Na primeira estadia na Alemanha em 1969 para chegar à universidade, no trajeto eu passava diariamente em frente de uma loja de materiais filatélicos. No começo não me empolguei muito. Mas passando seguido por ali vieram as lembranças da infância e mais, expunham um material muito chamativo, muito bonito. E é aquela tal história que digo sempre, “o que os olhos veem o coração cobiça e o contrário também é verdadeiro, o que os olhos não veem o coração não cobiça”. Isso me levou, ao terminar o curso, comprar uma coleção de selos da Alemanha que apareceu numa oferta no jornal. Mais tarde já no Brasil surgiu a questão do acervo do avô da minha esposa. Depois viemos para Florianópolis trazendo todo esse material.

A Associação Filatélica ficava na Rua Álvaro de Carvalho no segundo andar de um prédio. Lá participei de algumas reuniões em que mostrava meus lotes. Tinha muito material da série vovó, com selos com muitas filigranas. Comprei classificador e comecei a classificar o material. Era o que eu ainda sabia do tempo de criança. Meu objetivo era completar as diversas variedades dessa série. Com todo aquele material e beirando os trinta anos, me davam por entendido em filatelia. Na verdade, eu estava mesmo iniciando.

Um certo dia, um senhor se interessou pelos meus selos e trocamos alguns. Ele viu e se interessou por uma carta e propôs troca por selos. Não vi problema, pois a carta nem selos tinha. Trocamos, ele me deu um monte de selos. Um ano depois vi essa carta na mão de outro sócio e aí fui descobrir que era uma carta pré-filatélica. Mas eu não sabia nada disso. Fui ver que eu era um zero à esquerda. Comecei então a procurar literaturas sobre material filatélico. Não havia ainda Internet nem Google. Inteligência Artificial só nos filmes de ficção científica. Também o tempo disponível para o hobby era cada vez mais escasso.

Quando a sede nova ficou pronta passei a frequentar regularmente. Na época sempre estavam por lá o Senhor Cunha e o coronel Wanderley que era Presidente. Eu entrei para a Diretoria como Vice-Presidente, mas logo depois tive que me afastar pois fomos para a Alemanha. Praticamente me desconectei do pessoal. Quando voltei, aí já era outra dinâmica e não tinha muito tempo. Volta e meia frequentava a Associação, acompanhava o que era feito e as exposições.

Nesta segunda vez na Alemanha fui a alguns clubes, mas sem sucesso. Num clube português vi que esse negócio de comprar o selo que está faltando leva séculos para terminar uma coleção. Assim, resolvi comprar alguma coisa que já está bem mais adiantada. Surgiu a oportunidade de comprar quatro ou cinco classificadores da Alemanha, do Império alemão de 1842 até os anos de 1945. O segundo período na Alemanha foi mais de aquisições do que adquirir conhecimentos em Filatelia.

SCF - O Senhor teria algo a mais a relatar da estada na Alemanha?

ROT – O ano de 1980 na Alemanha foi um ano de conflito com a DDR. A situação chegou a um ponto muito pesado. Em conversa no banco com a gerente falei, se estoura alguma coisa e eu vou ter que sair rápido, como levo meu dinheiro? Vai ficar no banco? Vou sair sem nada no bolso? Aí a gerente deu uma sugestão, compre moedas. Pensei, da filatelia para numismática não é muito distante. Mais que isso, não é coleção, é investimento.

SCF – Algumas datas das suas reminiscências sobre sua história da Filatelia.

ROT - Lá pelo ano de 1949 éramos uma família de quatro irmãos. Naquele ano meu irmão mais velho fundou um clube filatélico com os amigos. Além de mim, nenhum dos meus coleguinhas se interessou. Comecei a montar um álbum de selos da firma Ariró. Com minha ida para o internato, esse hobby ficou para trás.

Voltamos à questão dos selos somente em 1970, quando em uma reunião familiar fomos mostrar o que tínhamos trazido da Alemanha. Eu mostrei um álbum de selos da Alemanha do período de 1959 a 1969. Até então, eu não sabia que o avô da minha esposa tinha sido filatelista.

Aí a avó da minha esposa se levantou e disse “espere que tenho algo para lhe mostrar”. Trouxe algumas caixas de charutos e três caixas de sapatos com selos e envelopes. Eram selos do acervo do seu marido. Como ela não tinha chegado a vender esses lotes, herdei esse espólio. Na época tinha pouca noção de Filatelia. Praticamente conhecia apenas sobre picotes e filigranas.

A data do meu verdadeiro interesse e disponibilidade para o hobby da Filatelia foi 2004, com minha saída da UFSC.

SCF - Há quanto tempo frequenta a AFSC?

ROT - A partir de 2004, passei a frequentar com assiduidade as reuniões da AFSC nas quintas-feiras e sábados, participar da organização do Encontro de Colecionadores e integrar a diretoria da Associação como Diretor de Sede e Conselho Fiscal. Atualmente como Diretor Secretário.

SCF - Há um fato curioso que gostaria de relatar?

ROT - Essa sua pergunta me remete a um episódio familiar. O avô da minha esposa, era representante comercial e como hobby, colecionador de selos. Num dos encontros familiares, as primas viram que ele colecionava selos. Na conversa ele comentou do valor dos selos Olho de Boi.

Uma das primas disse logo “em casa temos muitos desses selos Olho de Boi”. Ele disse “tragam, pois esses selos têm valor muito alto.” Quando elas trouxeram um caderninho com quatro ou cinco folhas com esses selos, veio a surpresa, todos os Olhos de Boi eram recortados no oval do selo. Ele só não morreu ali, porque não era a hora.

SCF – Teria algo que destacaria na história de coleções tradicionais de selos?

ROT – O cantor alemão Udo Lindenberg, cantava músicas de rock em alemão. Isso fez com que a juventude o seguisse tanto do lado ocidental como no oriental. Só que o governo da DDR não dava permissão para ele se apresentar livremente. Além de cantar, ele costumava pintar paisagens em toalhas de restaurante usando os licores como tinta e os dedos como pincel. Ele chamava de licorelas (sinonímia de aquarelas). Com o crescente interesse de fãs e colecionadores por essas peças ele passou a pintar telas. As telas, com temas de suas músicas, eram muito procuradas chegando a valer dois mil euros. Muito mais tarde, em 2010 os Correios da Alemanha emitiram série de selos sobre essas pinturas, tornando as obras de arte acessíveis a todos colecionadores.

SCF - Quais são as bases para avaliação de coleções. Algum conselho especial aos familiares no caso de um espólio com coleções filatélicas?

ROT - Nas avaliações de coleções de selos tenho adotado a chamada Curva ABC ou Curva de Pareto. É um método de base empírica para a classificação ou separação de itens. Os de maior valor normalmente estão em menor número. Na década de 1950, o consultor de qualidade romeno-americano Joseph Moses Joram estendeu e tornou conhecido esse princípio, para diversas análises de gestão. Segundo Pareto, na Classe A, 20% das peças ou do esforço representam 80% do valor total ou dos resultados. O parâmetro A é que utilizo nas avaliações das coleções. Além disso, a Classe B, ou valor intermediário corresponde a 30% do total e a Classe C corresponde a 50% do total. Mas essas são aproximadas. É assim que se dividem as classes econômicas. Qualquer acervo ou conjunto de peças que compõem uma máquina, pode ser enquadrado dentro deste esquema monetário.

O valor de uma peça é ligado a questão da quantidade disponível no mercado e pela procura. O selo mais raro do mundo é o Magenta de 1 Cent da Guiana, impresso em 1856, é único. Um selo todo machucado. Se fosse um selo comum iria para o lixo. Foi arrematado por 5.87 milhões de libras (R\$ 41,6 milhões de reais) num leilão em 2021. Outro exemplo envolve a especulação. O caso do bloco do Mackenzie. Foram emitidos 15.000 blocos pelos Correios e comprados 10.000 blocos por um único comprador. Hoje paga-se R\$ 300,00 pelo um bloco que custa R\$ 15,00.

No caso de espólios, verificar no seio familiar se há interessados com algum conhecimento ou que desejam prosseguir com as coleções. Não havendo, procurar um Clube ou Associação Filatélica para assessorar na avaliação da coleção, antes de colocar o lote a venda. Antes disso recomendo aos colecionadores que desde já separem as peças de maior valor.

SCF - Quais são suas coleções filatélicas?

ROT - São coleções amadoras. Nada para concorrer a prêmios ou participar de exposições. É para divertimento e conhecimento de história. Foi o que me levou a ler mais sobre as missões jesuíticas e sobre São Luiz Gonzaga.

São coleções do Brasil, de peças e selos do Império e das companhias aéreas, como a Varig. O avô da minha esposa tinha uma grande coleção que vendeu para o museu da Varig.

O que sobrou organizei algumas folhas. Tenho coleções da Alemanha e Suíça. E ultimamente da Argentina. Estados Unidos e Itália. Estou tentando montar alguns anos completos desses países.

SCF - Qual a relação entre valor monetário e valor afetivo no colecionismo, em especial na filatelia?

ROT - Sobre a relação entre valor monetário e valor afetivo no colecionismo em especial em filatelia, no início não havia essa discussão. Eu mesmo não me preocupava com isso, mas agora com 82 anos e com seguidas demandas na Associação, nos últimos quatro anos me envolvi bastante com esse tema. Durante a pandemia as pessoas ficaram muito tempo em casa arrumando os armários e descobrindo coisas que nem sabiam que existiam. Então aparecem na Associação com saquinhos de moedas, álbum de selos, classificadores cheios de selos, e querendo ver se tem algum valor ou o que fazer com isso. Talvez influenciados por notícias sobre alguém que ficou rico com os selos que encontrou do avô. Ou o outro com as moedas que eram do tio. Enfim essas coisas despertam interesses de ganhos. Aquilo que era apenas um hobby, agora tem um valor. Se esse valor faz diferença para a pessoa, geralmente ela vende. Caso contrário, fica e busca se informar mais para dar continuidade. É quando aparece o lado afetivo. Isso ocorre com as pessoas que recebem uma coleção do avô, pai ou tio, com quem conviveram. Essas coleções fazem lembrar deles, fazendo com que as mantenham ou mesmo que continuem colecionando.

SCF - O que diria a respeito de coleções tradicionais e coleções temáticas?

ROT - Não tenho muito a comentar. Meus conhecimentos são poucos. Minhas coleções são tradicionais muito mais diversão e agregar conhecimento sobre história e eventos relacionados às peças. Nos anos 50 colecionava-se por assunto. Por exemplo, temática de Natal, de eventos como Concílios Católicos, que saiam emissões de selos sobre esses eventos. De longe acompanhei essa evolução das coleções temáticas, que passaram a ter um roteiro, de defender uma tese, de desenvolver um tema específico. A corrida para participar de uma exposição não me atrai. No entanto, as coleções temáticas podem se tornar uma fonte de pesquisa para acadêmicos, pois nem tudo está organizado em livros.

SCF - O que comentaria em relação aos catálogos filatélicos?

ROT – Para os iniciantes em filatelia recomendo não adquirir catálogos filatélicos logo de saída. Por duas razões, inicialmente pelo custo elevado e em segundo lugar pela disponibilidade de catálogos on-line gratuitos. Atualmente pode-se acessar o COLNECT, em www.colnect.com, o catálogo RHM gratuito em rhm.com.br e o STAMPWORLD em stampworld.com, além de um aplicativo, o Stamp Identifier na Play Store. Nesses sites há também as perguntas mais frequentes e os iniciantes vão aprendendo por ali.

SCF - O Senhor publicou artigos no Boletim Informativo SCF da AFSC: nº 6 de 1976 – “Principiante. Como colecionar selos”; nº 12 de 1977 – “Sobre as manchas de ferrugem” e nº 68 de 2014 – “Conservação preventiva de álbuns e selos”. Esses artigos mantêm-se atuais?

ROT – Os dois últimos artigos seguem atuais. As informações do primeiro de 1976 podem ser acessadas em qualquer plataforma de I.A. Já o segundo de 1977 sobre manchas de ferrugem foi resultado de um desafio em uma oficina realizada na Associação.

Foram vários testes com diferentes tipos de produtos. Permanganato de potássio e ácido cítrico e as soluções à base cloro, este artigo tem sido usado com frequência. Em relação ao terceiro trabalho de 2014, nós estamos agora entrando no período de inverno que é uma mudança principalmente de temperatura e umidade. É quando está presente exatamente essa questão de onde guardar nossa coleção. Tenho observado aqui na Associação que as pessoas vêm com material que guardaram desde quando eram jovens. Depois de 10 ou 20 anos os selos estão com ferrugem ou os selos que tinham goma grudaram na base. Esse artigo continua válido.

SCF - Como tem sido os Encontros de Colecionadores? O que tem de especial?

ROT - O que eu poderia afirmar sobre esses Encontros. Alguns frequentadores visitam sem ter um plano bem definido, o que pretendem admirar ou adquirir. Geralmente levados mais pela curiosidade, diversão ou prazer de encontrar algo antigo ou moderno. São mais acumuladores ou juntadores do que colecionadores. Então esses encontros vão exercer os mesmos fascínios de uma grande feira de colecionáveis. O encontro com aqueles brinquedos de infância que vão trazer muitas lembranças. Ao ver essas peças sendo negociadas por um valor relativo alto, talvez aguace ainda mais a curiosidade.

Talvez o mais importante desses Encontros seja o fato de se conseguir completar algumas lacunas da coleção. Podemos fazer contatos prévios com os expositores que virão ao Encontro e expor quais itens gostaríamos de ter em nossa coleção. Assim o Encontro é uma forma de atrair ainda mais pessoas para o evento e torná-lo mais interativo. Além disso, essa ação pode ser uma excelente oportunidade para os expositores se conectarem com os participantes, entenderem melhor o que os colecionadores estão buscando e estreitarem a relação entre vendedor e comprador

Para os Expositores, esses Encontros são como um pequeno congresso para troca de informações, materiais e atualização. É a oportunidade de ver e poder avaliar o estado das peças e realizar trocas e vendas entre si. Sem contar também a grande oportunidade de rever amigos e sentir o mercado.

SCF - O que o Senhor diria em relação ao colecionismo, especialmente, a Filatelia, para o jovem.

ROT - Que buscasse, através da Filatelia, mais conhecimento e distração. Eu acredito que os conhecimentos de história, geografia e ciências ficam muito mais interessantes. Também é uma oportunidade de exercitar a comercialização. Além disso algum outro conhecimento que ele possa ter, ele poderá transferir para o colecionismo. Isso é uma coisa que muita gente não se dá conta.

SCF - Sua mensagem final em termos do futuro da Filatelia?

ROT – A meu ver o futuro da Filatelia está ligada ao registro e controle do rastreamento da correspondência. Daí os selos com QR Code ou código QR (código de resposta rápida) serem uma tendência atual.

Alguns países utilizam esses tipos de registros de código QR nos selos para aumentar a divulgação turística. Acessando, você cai num site e faz um voo sobre a Polônia ou uma visita a um castelo.

Em relação aos crypto selos, selo de correio de formato crypto é um selo postal físico que é complementado por um selo virtual similar, designado pela sigla NFT (non-fungible token, registro não fungível, em português).

Os crypto selos são uma tendência mundial. O primeiro selo blockchain foi lançado pela Áustria em 2019. Esses selos podem ser usados em correspondências, mas também serem salvos como imagem. A emissão dessa modalidade de selos veio na linha das crypto moedas.



Telegramas Sociais da DCT dedicados ao Presidente Getúlio Vargas

Henrique Costa Braga – Belo Horizonte, MG (*)

O Departamento de Correios e Telégrafos (DCT) foi um órgão da administração pública responsável pelos serviços de correios e telégrafos no Brasil. O DCT foi estabelecido em 26 de dezembro de 1931, no início do Governo Getúlio Vargas, centralizando em um único órgão tanto a então Repartição Geral dos Telégrafos quanto também a Diretoria Geral dos Correios, e os substituindo. O DCT perdurou até 1969 quando foi substituído pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT).

Nestas quase quatro décadas de existência foram vários os tipos de formulários telegráficos empregados pelo DCT. Um dos tipos certamente mais interessantes foram o Telegramas Sociais de Natal (TSN).

Os TSN já foram fruto de um trabalho de catalogação bem completo (Macedo, 2019). Alguns pequenos complementos ao assunto já foram posteriormente publicados (Braga, 2020; 2023). De qualquer forma em todas estas referências os tipos sociais são sempre relativos ao Natal. Entretanto, apesar de serem de longe os mais conhecidos, existiram outros tipos de Telegramas Sociais, que não os de Natal, que ainda carecem de serem retratados. Neste trabalho vão ser apresentados os Telegramas Sociais dedicados ao aniversário do Presidente Getúlio Vargas (TSOV).

Getúlio Vargas foi presidente do Brasil entre os anos de 1930 e 1945, governando o país com mãos de ferro, principalmente no período do chamando Estado Novo (1937-1945). Mesmo assim foi posteriormente eleito por via democrática em 1950, permanecendo no poder até 1954 quando tirou sua própria vida. Durante seu governo Getúlio Vargas usou fortemente de todos os meios de propaganda e autopromoção de que podia.

Segundo Mourelle (2022) "Vargas se inspirou no Ministério da Propaganda nazista em suas ações no intuito de se promover e se aproximar dos brasileiros". Getúlio Vargas não se inibiu minimamente em utilizar a filatelia para promoção pessoal e de seu governo, sendo várias as emissões postais com a sua imagem.

Mas, apesar de ser bem menos divulgado, também existem emissões de telegramas sociais com a sua imagem. Tem-se conhecimento da existência de dois modelos distintos, apresentados na Figura 1, ao qual denominamos respectivamente de TSOV 1 e TSOV 2.

Figura 1 – Formulários TSOV. Acima o modelo TSOV 1 (tipo inteiro postal, cor marrom), e abaixo o modelo TSOV 2 (cor azul).

 DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS TELEGRAMA SOCIAL SOV CRI\$ 1,00	 DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS RECEBIMOS O TELEGRAMA SOCIAL SOV AGENCIA DE TELEGRAMAS
	TELEGRAMA SOCIAL DR. GETULIO VARGAS DD. PRESIDENTE DA REPUBLICA PALACIO DO CATETE RIO DE
NOME DO EXPEDIENTE ENDEREÇO	TEXTO E ASSINATURA

 DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS TELEGRAMA SOCIAL SOV	 DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS RECEBIMOS O TELEGRAMA SOCIAL AGENCIA DE TELEGRAMAS
	TELEGRAMA SOCIAL DR. GETULIO VARGAS DD. PRESIDENTE DA REPUBLICA PALACIO DO CATETE RIO DE
NOME DO EXPEDIENTE ENDEREÇO	TEXTO E ASSINATURA TENHO HONRA APRESENTAR VOSSA EXCELENCIA EXPRESSAO MEUS RES PEITOSOS CUMPRIMENTOS NA DATA COMEMORATIVA SEU ANIVERSARIO NATALICIO, DESEJANDO-LHE O MAIOR BEM ESTAR PESSOAL E CONSTANTE PROSPERIDADE SEU PATRIOTICO GOVERNO =

O modelo TSOV 1 é na cor marrom, medindo aproximadamente 21,9 cm de largura por 16,2 cm de altura. Este modelo tem uma particularidade de ser também um inteiro postal, pois era pré-franqueado em CR\$ 3,00. A sua qualidade de ser um Telegrama Social era explícita, pois estava impressa esta condição dois lugares distintos do formulário, assim como está impressa a sigla SOV.

O modelo TSOV 2 é na cor azul, possuindo as mesmas dimensões do modelo TSOV 1. Entretanto este modelo não era pré-franqueado. Assim como no outro modelo, a sua qualidade de ser um Telegrama Social era explícita estando impressa esta condição em dois lugares distintos do formulário.

O modelo TSOV 2 possui ainda a seguinte mensagem pré-impressa: “TENHO HONRA APRESENTAR VOSSA EXCELENCIA EXPRESSAO MEUS RESPEITOSOS CUMPRIMENTOS NA DATA COMEMORATIVA SEU ANIVERSARIO NATALICIO, DESEJANDO-LHE O MAIOR BEM ESTAR PESSOAL E CONSTANTE PROSPERIDADE SEU PATRIOTICO GOVERNO”.

Ambos os modelos possuem em dois locais o Brasão de Armas do Brasil, ou comumente chamado Brasão da República. No caso do TSOV 1 (cor marrom), o brasão mede aproximadamente 0,9 cm de altura, enquanto no TSOV 2 (cor azul), o ou o brasão mede aproximadamente 1,4 cm de altura.

Como exemplo típico de ufanismo e narcisismo oficial, ambos modelos apresentam uma distinta imagem de Getúlio Vargas de perfil tendo o mapa do Brasil ao fundo, o que tornam as peças espetacularmente temáticas. Ambos os modelos são exclusivamente dirigidos a “DR GETÚLIO VARGAS – DD. PRESIDENTE DA REPUBLICA – PALACIO DO CATETE – RIO DF”.

Até o momento não se conhecem estes formulários efetivamente circulados, somente novos. Importante ressaltar que este é um estudo em seu início, e certamente muitas descobertas ainda estão a ser reveladas sobre estas interessantes peças.

Bibliografia:

BRAGA, Henrique C. Telegramas Sociais de Natal: novos subtipos do TSNU. **Boletim Informativo da Sociedade Filatelica Paulista**. n. 238, 2020, p. 42-45.

BRAGA, Henrique C. Um novo telegrama Social de Natal precursor da DCT? **Boletim Informativo da Sociedade Filatelica Paulista**. n. 242, 2023, p. 64-68.

MACEDO, Reinaldo E. **Telegramas Sociais de Natal**. In: MEYER, Peter; MEYER Marcelo P. Catálogo de Selos do Brasil 2019. São Paulo: RHM. 61ª ed., 2019, p. 681-695.

MOURELLE, Thiago. **Correspondência Oficial no Governos Vargas: de Hitler a Roosevelt**. 05 dez 2022. Disponível em < <https://querepublicaeessa.an.gov.br/index.php/que-republica-e-essa/assuntos/temas/419-correspondencia-oficial-no-governo-vargas>>. Acessado em 22 out 2024.

(*)henriquebragafilatelia@gmail.com

Belo Horizonte – MG

Siga Participe Divulgue
Seja nosso parceiro!

Incentivando crianças e jovens para a numismática.

Juntos fazendo o colecionismo crescer!

Apoie essa idéia!

Colecionador Mirim

Experiências culturais e educativas

@coleccionador_mirim_ +55 61 982264493

The advertisement features a central image of a group of diverse children smiling and holding up various stamps and coins. To the left, there is an Instagram icon and a hand icon pointing to a red heart. To the right, there is a circular logo for 'Colecionador Mirim' with a white arrow pointing right and colorful dots. The background is white with a yellow border.

O Homem que iluminou a Ilha

Mario Augusto Cunha Bayer de Amorim – Florianópolis, SC

Nascido em Bahia Blanca, Argentina, em 5 de julho de 1875, Miguel Villareal Vela, formou-se em Energia Elétrica, mas posteriormente procurou aperfeiçoamento na Europa, onde fez curso em uma fábrica de geradores da renomada empresa Siemens.



Residindo em Londres, casou com uma cidadã inglesa, Raquel Goodwin, com quem teve três filhos: Adelina, Zoila e João Cirillo (Nito). Na época fez um curso de fotografia em Paris.

Voltando para a Argentina, com a família, embarcou com a expedição para a instalação de cabos submarinos de telégrafos, cujo destino final era o Peru. Após este trabalho, retornou a Santa Catarina, para instalar a Usina Hidrelétrica prometida pelo governador Gustavo Richard.

O local mais adequado para a instalação da Usina foi no município de São Jose, onde aproveitou as águas do Rio Maruim.

O projeto e realização foi feito pela empresa Siemmonds & Saldanha, sob a supervisão de Miguel Vela. O material foi importado da Inglaterra, e a obra ficou pronta em 1910.

A Usina foi a primeira em Sana Catarina, e quando inaugurada era a terceira mais importante brasileira. Gerava energia elétrica com 33 turbinas de 250 Kw cada, cada qual alimentada por uma adutora, com as águas represadas do Rio Maruim. Passou a abastecer toda a região da Grande Florianópolis, até ser desativada em 1972.

O prédio e as instalações pertencem hoje a Celesc.

Atualmente sendo reformada, e voltou a funcionar, estando localizada no atual município de São Pedro de Alcântara.



Miguel Vela não retornou mais a Argentina, optando por ficar em definitivo em Florianópolis. Faleceu em fevereiro de 1963. Infelizmente a cidade em que optou por viver, não lhe prestou as devidas homenagens.



Apenas a Câmara de Vereadores de São José, através do vereador Abel Veiga, lhe conferiu uma Moção de Reconhecimento (in memoriam), pelos relevantes serviços prestados com a instalação da Usina Hidrelétrica do Rio Imaruim, em São José, SC.

Aloísio Magalhães e a autossuficiência na produção do Dinheiro Brasileiro

Airton Jordani Jardim Filho – Florianópolis, SC¹

Embora esteja presente no cotidiano da maioria dos brasileiros, as cédulas de dinheiro raramente suscitam algum tipo de reflexão a seu respeito entre aqueles que não fazem parte da comunidade numismática. As notas e moedas são utilizadas diversas vezes durante o dia, mas poucos são, de fato, os que prestam atenção nelas. Menos ainda são os que compreendem que estes artefatos são o resultado de um trabalho multidisciplinar, que envolve diversas áreas do conhecimento e que percorre diversas etapas até que o resultado final chegue até a população, circulando e servindo aos cidadãos, como suporte à economia.

No Brasil, até o final da década de 1960, as cédulas de dinheiro que circulavam no país eram cem por cento importadas. Autor de uma das raras publicações que trata da história do dinheiro no Brasil, Florisvaldo Trigueiros (1987, p. 154) recorda que "[...] era até humilhante para o nosso país [...] o fato de ainda não estar imprimindo sua própria moeda, com papel aqui também fabricado, pois isso dependia apenas de maquinaria e de orientação técnica".

A Casa da Moeda e a Fábrica Nacional de Valores

Esse quadro começou a se modificar a partir do final da década de 1960, quando um amplo projeto governamental – que começou com a reestruturação da Casa da Moeda – foi posto em prática para transformar este cenário. É importante destacar que esse movimento começa a acontecer ainda no início da década anterior. Em outubro de 1950, a Lei nº. 1.216² modificou o regulamento da Casa da Moeda, estipulando a impressão do papel-moeda como uma das finalidades da instituição.

Apesar disso, a situação permaneceu a mesma até que, em maio de 1959, o Ministério da Fazenda – através da publicação da portaria nº. 105 – constituiu uma comissão que tinha por finalidade o estudo do problema da fabricação do papel-moeda no País. Ao final de seus

¹ Doutor em Artes Visuais/Semiótica e mestre em Design/Ergonomia pela UDESC. Especialista em UX Design pela UFSC e em Artes Visuais: Cultura e criação pelo SENAC/RS. Graduado em Artes Visuais pela UFRGS e em Design de Produto pelo UNICESUMAR. Professor no UNICESUSC.

² Texto original, na íntegra, disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1216-28-outubro-1950-363524-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 01 set. 2024.

trabalhos, em julho de 1959, a Comissão concluiu ser necessária a criação da Fábrica Nacional de Valores. Tal instituição seria, na verdade, o resultado da transformação da Casa da Moeda em uma sociedade de economia mista. A Fábrica teria como finalidade, entre outras coisas, produzir o papel-moeda brasileiro.

A criação da Fábrica Nacional de Valores S.A. foi apresentada, em outubro de 1963, como Projeto de Lei (doravante, PL) nº. 1.052³, de autoria do Deputado Gil Velozo. Poucos meses após a apresentação do PL, em 31 de março de 1964, o Brasil se viu em meio a um regime militar de exceção. A proposição do Deputado Velozo foi arquivada em maio do mesmo ano e os militares que tomaram o poder mudaram, novamente, os rumos da nacionalização da produção de papel-moeda.

O então presidente, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco enviou mensagem ao Congresso Nacional determinando a reorganização da Casa da Moeda – e não mais a criação da Fábrica Nacional de Valores, uma empresa de sociedade anônima – tendo como base a Lei nº. 4.510/1964⁴. A partir das novas diretrizes, a Casa da Moeda recebeu uma série de investimentos do governo e a colaboração do Banco Central do Brasil no sentido de atender à demanda do governo militar. A instituição foi equipada e subsidiada para, finalmente, assumir o protagonismo necessário ao processo de nacionalização da produção de papel moeda.

Em 1966, por meio de um concurso fechado proposto pelo Governo do Brasil, o artista e designer visual Aloisio Magalhães foi escolhido para iniciar o processo de nacionalização da produção de dinheiro. Sobre este concurso, Trigueiros (1987, p. 230-231) registrou que

[...] em nome do Banco Central, convidou-se Alexandre Wollner, Aloisio Magalhães, Gustavo Goebel Wayne Rodrigues e Ludovico Martino. A casa da moeda indicou Benedito de Araújo Ribeiro, Petrarca Amenta, Waldir Granado e Zélio Bruno da Trindade [...]. Aloisio Magalhães desenvolveu uma nova solução gráfica, adotando o sistema “*moiré*”⁵ na composição dos desenhos, de modo a dificultar os processos de falsificação. Ao mesmo tempo, criou uma linha de valores de tamanhos e cores diferentes, com idênticas características, combinadas com elementos dos medalhões e rosáceas. Sem compromisso com a tradição gráfica especializada, seu trabalho ofereceu uma concepção visual nova, marcada pela afinidade ao movimento artístico brasileiro, servindo-se da cédula como *elemento de comunicação de massa*, genuíno da nossa cultura.

³ Texto original do Projeto de Lei do Deputado Gil Velozo, na íntegra, disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=186563>>. Acesso em: 01 set. 2024.

⁴ Lei no. 4.510, de 1o. de dezembro de 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4510.htm>. Acesso em: 01 set. 2024.

⁵ Efeito óptico produzido pela superposição de duas ou mais retículas, caracterizado por variadas formas geométricas, agradáveis ou não. Na reprodução a várias cores (bicromia, tricromia, policromia) procura-se reduzir esse efeito, colocando-se as retículas em um determinada inclinação para cada cor, de forma que os pontos não se misturem na impressão (RABAÇA & BARBOSA, 1978, p. 314).

Mas quem foi Aloisio Magalhães?

Aloisio Magalhães foi um dos mais importantes designers gráficos do Brasil, sendo pioneiro na estruturação do design moderno no país. Nascido em 5 de novembro de 1927, em Recife, ele se destacou não apenas como designer, mas também como gestor cultural e artista visual. Magalhães teve uma carreira diversificada, atuando na preservação do patrimônio histórico brasileiro e contribuindo significativamente para a política de bens culturais, especialmente no final da ditadura militar, nos anos 1970. Sua trajetória nas artes visuais começou ainda nos anos 1940, como cenógrafo e figurinista no Teatro do Estudante de Pernambuco, e continuou com estudos em Paris entre 1951 e 1953, onde ele buscou aprimorar suas habilidades em pintura.

Em 1954, de volta ao Brasil, Magalhães fundou o Gráfico Amador, uma oficina tipográfica que foi crucial para a modernização da tipografia no Brasil. Essa oficina, que operou até 1961, foi um marco na produção cultural e artística do país, reunindo intelectuais como Gastão de Holanda e Ariano Suassuna. Em 1956, Magalhães teve uma experiência transformadora nos Estados Unidos, onde conheceu Eugene Feldman, um artista gráfico e impressor que o introduziu a novas tecnologias de impressão. Essas técnicas influenciaram profundamente sua prática de design e artes visuais, moldando seu trabalho futuro.

Figura 1 – Aloisio Magalhães



Fonte: Autor desconhecido
Wikimedia Commons.
Disponível em: < https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alo%C3%ADsio_Magalh%C3%A3es_2,_sem_data.tif >.
Acesso em: 01 set. 2024.

Nos anos 1960, Magalhães se estabeleceu no Rio de Janeiro, onde fundou o escritório M+N+P em 1960, que mais tarde se tornou AMPVDI (Aloisio Magalhães Programação Visual Desenho Industrial). Com seus sócios, ele trabalhou em projetos importantes tanto para o setor privado quanto para o governo, consolidando sua reputação como um dos mais influentes designers gráficos do Brasil. Mesmo enquanto sua carreira no design florescia, Magalhães continuou a explorar as artes visuais, desenvolvendo em 1972 a série "Cartemas", que simbolizava sua capacidade de integrar e somar saberes dos campos do design e das artes. Sua abordagem interdisciplinar e sua visão de cultura como um campo de integração o colocam como um precursor da arte contemporânea no Brasil até sua morte prematura em 13 de junho de 1982, em Pádua, Itália.

O novo Cruzeiro e a autonomia na produção do dinheiro

Até 1967, o papel-moeda circulante no Brasil era inteiramente importado. Produzido na Inglaterra e nos Estados Unidos, pela *Thomas de La Rue* e pelo *American Bank Note*, respectivamente, o dinheiro brasileiro acabaria por tornar inviável, dado o altíssimo custo de importação e, acima de tudo, manutenção, em um país de dimensões continentais como o Brasil (TRIGUEIROS, 1987). Em entrevista ao jornal O Globo, em 1978, sobre o custo da importação e a necessidade de produzir nosso próprio papel-moeda, Aloisio Magalhães afirmou:

Eu não tenho estatísticas, mas sei que pagávamos uma fábula para importar dinheiro. Num país pequeno pode ser econômico importar, pois o volume de dinheiro é pequeno, não compensa ter máquinas e todo o processo produtivo complexo e oneroso, mas em um país imenso como o nosso, em processo de desenvolvimento, fabricar dinheiro virou uma necessidade premente (LEITE, 2014, p. 141).

O novo padrão monetário brasileiro foi oficialmente lançado em 1967 e, pela primeira vez, as cédulas brasileiras tinham, igualmente, um desenho brasileiro.

Figura 2 – Anverso e reverso da nota de um cruzeiro, de 1967.



Fonte: Elaborada pelo autor, a partir de cédula original.

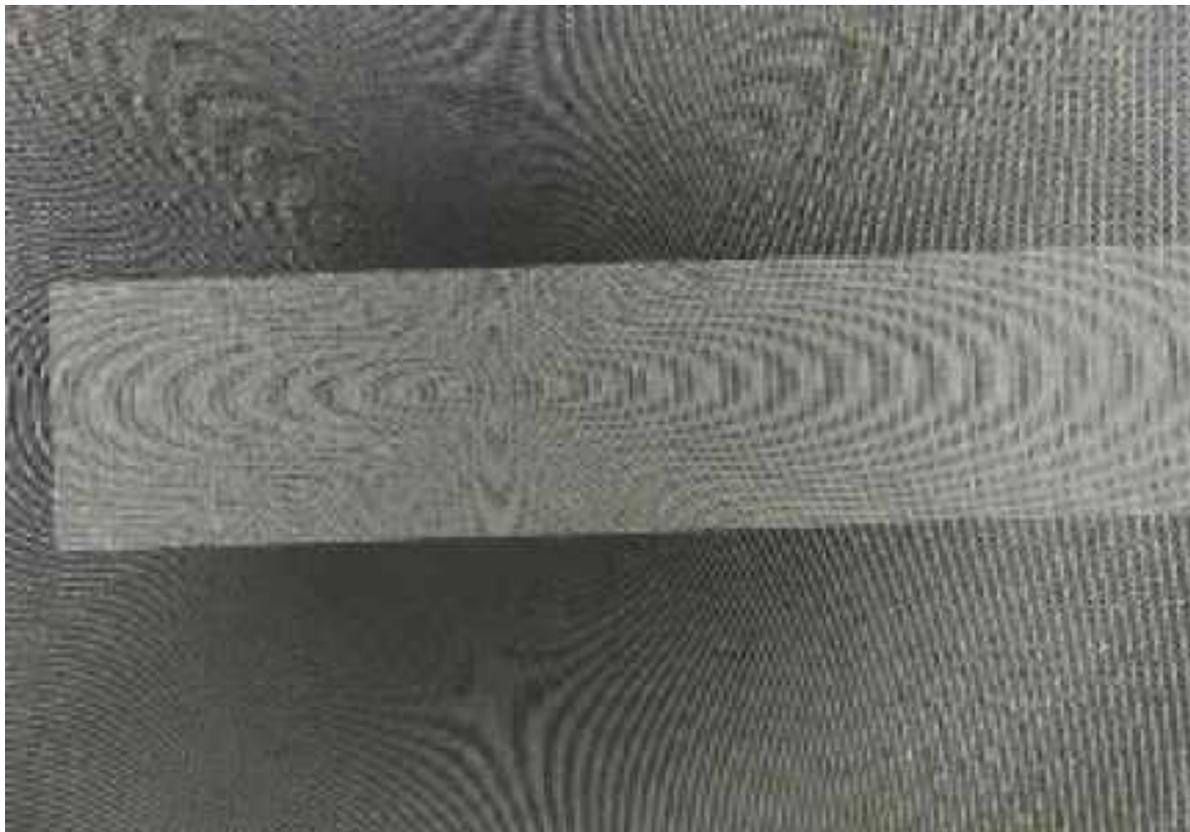
A partir daquele momento, a Casa da Moeda brasileira começa a produzir uma série de cédulas com características próprias, contrastando com as cédulas anteriores que vinham sendo produzidas de acordo com a tradição norte-americana e europeia.

Esse ciclo, que se inicia no concurso, se desdobra no desenvolvimento e na emissão da primeira família de cédulas do padrão Cruzeiro Novo, que representa uma vitória da ruptura sobre a tradição estética na visualidade do dinheiro brasileiro, se estenderá pela década seguinte, com a atuação de Aloisio Magalhães em outros projetos (SILVA JUNIOR, 2008, p. 128).

Em 1972, finalmente seria alcançada a autonomia na produção do dinheiro, quando o processo de fabricação passou a ser realizado totalmente no Brasil, incluindo todas as etapas de produção e, ainda, inovações do ponto de vista tecnológico. A autossuficiência na produção das cédulas de dinheiro, no entanto, veio apenas no início dos anos 1970. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em 1978, Aloisio finalmente pode afirmar: "O mais importante, porém, é que, desde

1972, o Brasil é totalmente independente na fabricação de seu papel-moeda. Tudo é feito em casa" (LEITE, 2014, p. 125). Desde então, foram mais de quarenta e cinco anos de autonomia na produção de papel moeda, um fator chave para a soberania nacional.

Figura 3 – Um dos estudos a partir do moiré para a família de cédulas do Cruzeiro.



Fonte: Acervo do Museu de Valores, c. 1966.

O processo de impressão projetado por Aloisio serviu, posteriormente, de inspiração e referência para outras nações. Trigueiros (1987) aponta como uma das principais inovações tecnológicas, surgidas a partir do processo criativo de Aloisio, a utilização – no projeto gráfico das cédulas de cruzeiro – do chamado efeito *moiré*.

Originalmente tratado como um defeito de impressão, o *moiré* foi utilizado por Aloisio como gerador de padrões que dificultariam a reprodução ilegal das notas brasileiras. Ou seja, aquilo que anteriormente era visto apenas como uma irregularidade no processo de impressão foi utilizado por Magalhães de forma inovadora, com alto grau de ineditismo.

De posse de um pequeno artefato formado por pequenos quadrados de filme transparente e papel onde se encontravam impressos padrões lineares similares, Aloisio percebeu que o desenho gerado por esse tipo de superposição já era em si um empecilho ao desenvolvimento de falsificações. Reproduzir um *moiré* provocado com exatidão se tornava quase impossível, ao menos, economicamente inviável. (LEITE, 2003, p. 193).

Além da nota de um cruzeiro, Aloisio Magalhães e sua equipe de trabalho conceberam as demais notas da família do Cruzeiro Novo. Foram criadas, também, as notas de cinco, dez, cinquenta e cem cruzeiros.

Ao entrevistar Magalhães, em 1972, Germana de Lamare questionou: "Por que você só trabalha com coisas que ninguém presta atenção?" (LEITE, 2014, p. 57). A pergunta resume, essencialmente, a questão de desenhar cédulas de dinheiro: mesmo sendo um objeto valioso, de grande utilidade pública e social e diretamente relacionado à cidadania e a identidade, pouca gente realmente observa e reflete sobre as notas de dinheiro.

Posteriormente, em entrevista ao jornal O Globo em 1978, Aloisio afirmava que em nosso país, muitos têm pouco e poucos têm muito dinheiro. A desigual distribuição de renda já era um dos assuntos mais recorrentes. "O dinheiro é um grande problema social, pois a vida social toda repousa em cima dele. Ele é um suporte material de um projeto fenomenológico muito importante. Daí a necessidade de a população se informar melhor sobre ele" (LEITE, 2014, p. 140).

[...] não há homem contemporâneo que não saiba o que é dinheiro. Esse elemento da cultura material parece sempre estar presente, essa mercadoria particular que serve de medida intermediária entre todas as outras. Mercadoria que expressa narrativas do nacional coletivamente construídas. (SILVA JUNIOR, 2008, p. 4)

Nesta entrevista, do final dos anos 1970, Aloisio destacava a importância da população se informar sobre o dinheiro, dado que este é parte de nossa cultura material e responsável por narrar construções coletivas.

Dos anos 1970 para cá, o que ocorreu foi o contrário. Impulsionado pelo avanço tecnológico, o chamado "dinheiro de plástico" – os cartões bancários de débito e crédito – se popularizou até mesmo entre as classes menos abastadas. As transações com dinheiro reduziram-se drasticamente. A população não se informou, nem entendeu – como imaginava Aloisio – o dinheiro como um patrimônio cultural brasileiro, fundamental para nossa soberania enquanto nação. Fosse desta forma, talvez os desdobramentos da produção de dinheiro do país fossem diferentes.

No final do ano de 2016 foi aprovada no Senado Federal, após ter passado pela Câmara de Deputados, a Medida Provisória (MP) 745 de 2016. Assim, após sanção presidencial e publicação no Diário Oficial da União, no dia 24 de fevereiro de 2017, a MP 745 tornou-se lei⁶. O texto aprovado permite que o Banco Central (BC) adquira papel-moeda e moeda

⁶ Lei n.º 13.416, de 23 de fevereiro de 2017. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13416.htm >. Acesso em: 01 set. 2024.

metálica fabricadas no exterior, derrubando assim o monopólio de produção da nossa Casa da Moeda.

Ao longo desses mais de quarenta anos, o Brasil não só foi autossuficiente na produção de seu dinheiro, como tornou-se referência mundial em inovação e segurança contra falsificações, muito por conta do trabalho e da pesquisa desenvolvidos por Aloisio Magalhães.

Bibliografia:

LEITE, J. S. (Org.). **Encontros: Aloisio Magalhães**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014.

LEITE, J. S. **A Herança do Olhar: o Design de Aloisio Magalhães**. Rio de Janeiro: Artviva/SENAC, 2003.

SILVA JUNIOR, A. F. **Uma etnografia do dinheiro: os projetos gráficos de papel-moeda no Brasil após 1960**. 2008. 337 f. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

TRIGUEIROS, F. S. **Dinheiro no Brasil**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1987.

A Primeira Regulamentação de Circulação de Moedas no Brasil

Juliano Natal – Florianópolis, SC (*)

Muito embora a cunhagem das primeiras moedas no Brasil tenha ocorrido a partir durante a ocupação holandesa (1630 a 1654) e no estabelecimento da primeira Casa da Moeda no país (1694), desde a colonização (1532) várias moedas provenientes de Portugal e de outros países circulavam por aqui sem qualquer regulamentação.

Nos primeiros anos, prevaleciam as trocas de bens de necessidades entre as partes negociadoras, depois passou-se a adoção de produtos escassos que pudessem ser valorados como algodão, cravo, ferro e ouro e na sequência, para promover o comércio local e o acúmulo de riqueza das sociedades estabelecidas nos povoados e vilas, eram usadas moedas provenientes de diversas nacionalidades⁽¹⁾. Esse período também foi caracterizado pela ausência de um padrão monetário na Colônia regulamentado.

Devido a necessidade crescente do comércio local aliado a escassez dos discos metálicos produzidos pela Corte e ao aumento do fluxo e permanência de estrangeiros em nosso território⁽²⁾, muitas das moedas de cobre que aqui circulavam apresentavam valores intrínsecos superiores ao lastro metálico, impulsionando de certa forma, a falsificação monetária.

A falta de uma política monetária além-mar ocorria também em outras colônias dominadas por Portugal e isso preocupava imensamente a Metrópole portuguesa que precisava impor domínio e melhor integrar seus territórios e colônias^(3,4).

Dessa forma, em 1568, *El Rei* Dom Sebastião (1554-1578), que governou Portugal e suas colônias entre 1557 e 1578 (16º rei e último monarca da dinastia Avis) emitiu as Provisões de 3 e 29 de março de 1568 que regulamentou e ordenou a circulação de moedas portuguesas e cobre em “*todos os meus Reynos e senhorios*”,

constituindo dessa forma os primeiros documentos oficiais que determina e oficializa de forma clara a circulação de moeda metálica portuguesa no Brasil. As provisões também estabeleceram um valor reduzidos do poder aquisitivo de cada uma das moedas de cobre produzidas em Lisboa, ficando abaixo do valor do metal em barra, medida que foi adotada para a desestimular as falsificações e a fuga de moeda para as Colônias ^(3,5,7).

Valor Nominal	Fator de redução com a Provisão de 03 de março de 1568	Novo Valor determinado pela Provisão de 03 de março de 1568
X reais	70%	3 reais
V reais	70%	1,5 reais
III Reais	66,7%	1 real
I Real	50%	0,5 real

Dom Sebastião I (o Desejado) foi o décimo sexto rei de Portugal e o sétimo e último pertencente a dinastia Avis. Neto de Dom João Manuel e de Dona Joana da Áustria, nasceu em Lisboa em 20 de janeiro de 1554, herdou o trono português com 3 anos de idade e desapareceu em Marrocos em 1578 na batalha de Alcacér-Quibir. Não se sabe ao certo se Dom Sebastião I morreu na batalha ou depois do seu término, uma vez que seu corpo nunca fora encontrado ⁽⁷⁾.

Para o povo português da época, o rei havia apenas desaparecido nascendo o mito *Sebastianismo*, residindo a crença de que o rei tivesse sido prisioneiro e que um dia pudesse retornar para restaurar o controle lusitano. Para tentar acabar com o *sebastianismo*, em 1582, Filipe I de Portugal mandou transladar para Lisboa os restos mortais que alegava serem do rei desaparecido, contudo sem sucesso. O povo continuou a crer no retorno do rei que supostamente estaria escondido, esperando o momento certo para retornar e salvar Portugal da crise e do domínio estrangeiro.

Dom Sebastião não chegou a casar-se e não teve descendência legítima.

Além da oficialização e regulamentação da circulação das moedas portuguesas na colônia Brasil, datam do período do reinado de Dom Sebastião I, os primeiros registros do uso da palavra “réis” ao invés de “reais” para expressar o plural da unidade monetária real ⁽³⁾.



Figura 1. Retrato de Dom Sebastião I de Cristóvão de Moraes (imagem disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_I_de_Portugal) ⁽⁶⁾

As moedas de cobre de X, V, III e I real produzidas entre 1560 e 1567 foram cunhadas adotando o processo manual que consistia na batida (martelada) dos cunhos (peça de metal com o desenho e inscrições da moeda) de reverso e anverso contra o disco metálico base da moeda, previamente aquecido e que após o impacto da batida transferia para a moeda o *design* do relevo dos cunhos⁽⁸⁾. Por este método de cunhagem (adotado entre o século VI a.C. e XVI), não poderia ser esperado que as legendas, brasões e outros desenhos dos cunhos fossem totalmente e perfeitamente retratados nas moedas. Assim os exemplares encontrados das moedas de X, V, III e I real que além do desgaste de circulação, já trazem consigo imperfeições nas legendas, figuras e símbolos originados no método de produção.

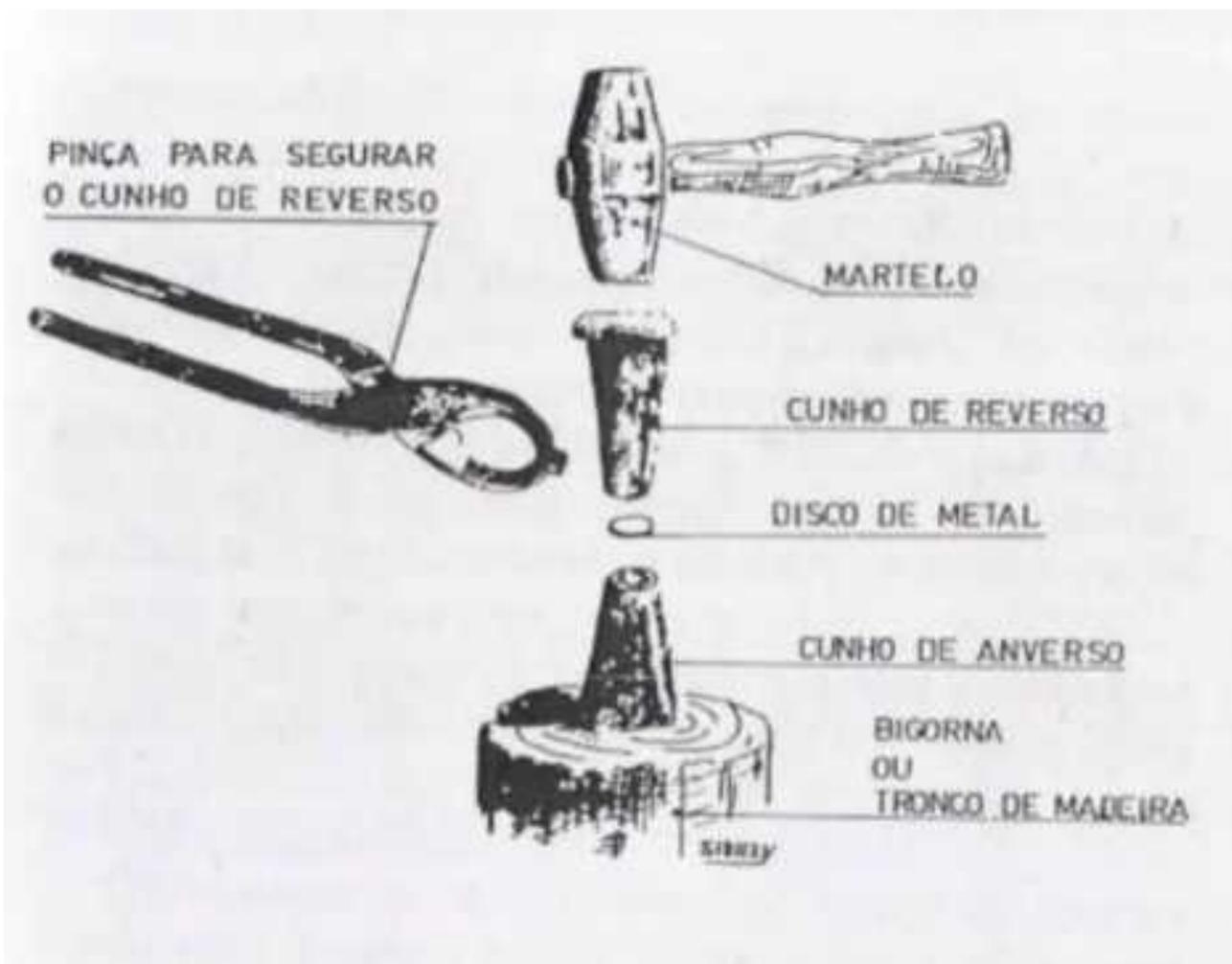


Figura 2. Representação do processo de cunhagem manual das moedas (imagem disponível em <https://moedasemoedas.wordpress.com/2012/12/01/cunhagem-manual/>)⁽⁸⁾



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

Moedas de D. Sebastião :

Figura 3. Representação das moedas de Cobre do reinado de Dom Sebastião I (imagem disponível em <https://moedasemoedas.wordpress.com/>)⁽⁹⁾

X Reais

- ❖ Valor monetário de circulação na Colônia: 3 reais determinado a partir da Provisão de 1568;
- ❖ Casa da Moeda: Lisboa;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Metal: Cobre;
- ❖ Diâmetro: 37 mm a 40 mm;
- ❖ Peso: 14,0 g a 18,0 g;
- ❖ Borda: Liso e irregular;
- ❖ Anverso: Existem dois tipos de anverso:
 - Escudo das armas sob coroa, ladeado pelas letras L e G, encimado cada letra por três pontos, orlado pela inscrição SEBASTIANVS.I.D.G.PORT. ET. ALGARBIORVM (D. Sebastião I, por graça de Deus, de Portugal e do Algarve).
 - Anverso em que as letras L e G foram substituídos por dois besantes em cruz e a legenda apresenta IOANNES III D G PORT ET ALGARBORVM (referente ao monarca antecessor);
- ❖ Reverso: Valor X, dentro de círculo, ladeado por duas estrelas de sete pontas e dois conjuntos contendo cinco pontos, orlado pela inscrição REX SEXTVS DECIMVS (décimo sexto rei).

V Reais

- ❖ Valor monetário de circulação na Colônia: 1,5 reais determinado a partir da Provisão de 1568;
- ❖ Casa da Moeda: Lisboa;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Metal: Cobre;
- ❖ Diâmetro: 30 mm a 33 mm;
- ❖ Peso: 6,5 g a 9,7 g;
- ❖ Borda: Liso e irregular;
- ❖ Anverso: Escudo das armas sob coroa real, orlada pela inscrição SEBASTIANVS: I : D : G : P : ET : ALGARBIORVM (Sebastião I, por graça de Deus, Portugal e do Algarve);
- ❖ Reverso: Valor V dentro de círculo e ladeado por ornamento de quatro pontas e inscrição REX SEXTVS DECIMVS (décimo sexto rei), contendo as palavras separadas por estrelas de sete pontas.



Figuras 3. e 4. Anverso e Reverso da moeda de V reais cunhada dentro do reinado de Dom Sebastiao I (1.557 a 1.578) e autorizada a circular no Brasil pela Provisão de 3 de março de 1.568, contudo com valor reduzido a 1,5 reais.

III Reais

- ❖ Valor monetário de circulação na Colônia: 1 real determinado a partir da Provisão de 1568;
- ❖ Casa da Moeda: Lisboa;
- ❖ Letra Monetária: L;
- ❖ Metal: Cobre;
- ❖ Diâmetro: 28 mm a 30 mm;
- ❖ Peso: 3,2 g a 5,3 g;
- ❖ Borda: Liso e irregular;
- ❖ Anverso: No centro do campo aparece a coroa real acima do nome SEBASTIANVS .I., retratado em quatro linhas. O Anverso é completado pela inscrição PORTVG ET ALGARB REX AFRIC (Rei de Portugal e do Algarve e África);
- ❖ Reverso: Escudo real com a coroa acima, ladeado pelo valor 3 ou III e a letra L, ambos entre pontos e encimados por três pontos. As primeiras cunhagens até 1560 não continham no reverso o valor monetário e a letra L.

I Real

- ❖ Valor monetário de circulação na Colônia: 0,5 real determinado a partir da Provisão de 1568;
- ❖ Casa da Moeda: Lisboa;
- ❖ Letra Monetária: sem letra monetária;
- ❖ Metal: Cobre;
- ❖ Diâmetro: 20 mm a 22 mm
- ❖ Peso: 1,2 g a 1,4 g;
- ❖ Borda: Liso e irregular;

- ❖ Anverso: no centro do campo a letra S ladeado por duas estrelas de oito pontas e encimada pela coroa real. Existe outro tipo de anverso em que a letra S é substituída pela letra R e as duas estrelas foram trocadas por ornamentos de 4 pontas;
 - ❖ Reverso: no campo em quatro •R• SEBASTIANVS (Rei Sebastião I) e o valor I ladeado por pontos.
-

Bibliografia:

1. NATAL, Juliano. Cronologia do Meio Circulante no Brasil - Boletim Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina nº 75, agosto de 2.000;
2. MARSON, Isabel. Moedas e História no Brasil 1500/1889, São Paulo, Empresa da Artes, 1990;
3. MALDONATO, Rodrigo. Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial, 2ª edição. MBA Editores, 2016.
4. FORTUNATO, Helison Felipe da Silva. Análise Histórica Da Moeda entre os Séculos XVI e XVI no Brasil – Trabalho de Conclusão de Curso Universidade Estadual da Paraíba, 2020.
5. Catálogo Digital Denarius de Moedas Circulante no Brasil 2023, 3ª edição, Rikroses Produtos Digitais, 2023. *E-book* (1.148 p.) Acesso em 05 de junho de 2024.
6. Sebastião I de Portugal In: Wikipedia, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastião_I_de_Portugal. Acesso em 07 de janeiro de 2025.
7. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Moedas Portuguesas da Época dos Descobrimentos na Coleção do Museu Histórico Nacional 1383 a 1583, MHN, Rio de Janeiro, 2000.
8. <https://moedasemoedas.wordpress.com/2012/12/01/cunhagem-manual/>. Acesso em 08 de janeiro de 2025;
9. <https://moedasemoedas.wordpress.com/2012/12/04/as-primeiras-moedas-que-circularam-no-brasil/>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

(*) Juliano Natal

e-mail: juliano_natal@yahoo.com

Entrevista - Laura Regina Chierighini

Peter Johann Bürger - Florianópolis, SC

Laura Regina Chierighini nascida em Florianópolis no dia 23 de junho de 1971, filha de Lauro Chierighini e Iete Isidra Chierighini, esposa, mãe, irmã e trabalhadora.

Ingressou nos Correios em 01/04/1998 como atendente comercial na Agência Central dos Correios de Florianópolis, onde teve a oportunidade de atuar no guichê filatélico. Ao longo dos seus 27 anos de Correios, somou conhecimentos, desenvolveu e assimilou novas habilidades, perspectivas e informações, aprofundando laços de amizade pela partilha de experiências e aprendizado. Atualmente, trabalha na Agência dos Correios de Capoeiras, na capital catarinense.



A Senhora Laura Regina Chierighini gentilmente permitiu que fizéssemos perguntas sobre sua história. Agradecemos por toda atenção dispensada em nos conceder esta entrevista e em especial aos filatelistas.

SANTA CATARINA FILATÉLICA – Entre os produtos comercializados pelos Correios, entendemos que o selo ainda tem grande relevância. Como o público e os colecionadores podem participar da escolha dos motivos das emissões?

LAURA REGINA CHIERIGHINI. Sim, pelo programa dos Correios "Sua ideia pode virar selo", que permite que a população envie sugestões para selos postais. As propostas podem abordar diversos temas como artes, cultura, eventos históricos e personalidades. As sugestões podem ser enviadas até 30 de novembro de cada ano, e as propostas são avaliadas pela Comissão Filatélica Nacional. Se aprovadas, as ideias podem se tornar selo num futuro próximo. Aqui vai uma dica: antes de enviar sua proposta, verifique as regras do Artigo 8º, parágrafo 2º da portaria 7.204/2022 do MCOM.

Link de acesso: cfn.correios.com.br

SCF – Qual é a sua trajetória no Guichê Filatélico dos Correios da Superintendência Estadual de Santa Catarina?

LRC - A transferência da Agência Filatélica, que se localizava no prédio dos Correios da Praça XV de novembro para o bairro Agrônômica, distante da área central de Florianópolis, impactou o acesso aos filatelistas, colecionadores, admiradores e clientes em busca de selos bonitos para envio de cartas e cartões postais. A Agência Filatélica tinha um novo endereço, porém, todos os clientes interessados em Filatelia e Colecionismo continuavam se dirigindo

ao prédio da Praça XV. Para atender a este apelo por um atendimento no Centro de Florianópolis, foi criado o Guichê Filatélico na Agência Central, onde tive a oportunidade, e sou muito grata, de iniciar minha trajetória, atendendo a este público por 23 anos até a data do fechamento da Agência Central, em Maio/2022.

De Junho a novembro/2022, devido ao fechamento da Agência Central, continuei o atendimento aos filatelistas na Agência Dias Velho.

A partir de dezembro/2022, a Agência Floresta, em São José, localizada no Prédio dos Correios da Superintendência Estadual de SC foi o endereço adotado para a continuidade do atendimento à Filatelia.

SCF – Que passagem marcante você destacaria nesses seus anos nos Correios?

LRC - É ter a oportunidade de poder participar anualmente do Encontro de Colecionadores promovido pela AFSC, representando a Superintendência Estadual dos Correios de SC. Evento que reúne pessoas de diferentes faixas etárias, algo que pode ser considerado marcante e memorável nos dias de hoje, enriquecendo a experiência, pois, promove a interação de diferentes grupos.

Fiquei muito agradecida e honrada pelo importante reconhecimento ao receber o Certificado de Agradecimento do Clube Filatélico Maçônico do Brasil, datado de 03/04/2022 (foto anexa a essa entrevista). É muito gratificante saber que meu trabalho é valorizado e saber disso contribui como um poderoso motivador.

Essa participação anual e o reconhecimento formal através do Certificado reforçam a importância e o impacto positivo em minha vida, contribuindo com valorização, motivação e conhecimentos para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

SCF – Você tem participado de cursos e treinamentos oferecidos pelos Correios?

LRC - Sim, em janeiro/2024 concluí na Univirtual dos Correios o curso sobre as principais características da Filatelia e as atividades envolvidas no processo, com duração de 20 horas.

SCF – Há algum fato curioso que gostaria de relatar?

LRC - Certa vez, um colecionador de selos vindo da Itália, senhor Francesco, estava no Brasil a passeio por Florianópolis. Ao visitar o Centro da cidade e a famosa figueira da Praça XV, decidiu visitar a Agência Central dos Correios para obter informações sobre atendimento filatélico e adquirir algumas peças. Ficou tão encantado com a diversidade de produtos encontrados que concretizou a compra de todos os selos e coleções que estavam disponíveis no estoque da agência. Foi a única vez que vi um fato desses acontecer e fiquei feliz por vê-lo satisfeito e realizado com seu novo investimento.

SCF – Como você conheceu a Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina (AFSC)?

LRC - Conheci a AFSC por meio de Ernani Santos Rebello, presidente da AFSC em 2008, Lucia de Oliveira Milazzo, Milton Milazzo Jr., Eduardo Schmidt, Paulo Cesar da Silva e Hugo Nestor Ciavattini.

SCF – Você participou de algum trabalho específico em colaboração com a AFSC?

LRC - Sim, tenho a satisfação e a gratidão de poder participar representando a Filatelia da Superintendência dos Correios de SC nos Encontros de Colecionadores promovidos pela AFSC.

SCF – Na sua opinião, os Encontros de Colecionadores promovidos pela AFSC atendem às expectativas?

LRC - Com certeza, além de atenderem às expectativas, promovem a troca de conhecimentos, experiências e itens colecionáveis, fortalecendo a comunidade, impulsionando a economia local por meio de oportunidades de negócios e preservando a história.

SCF – Você fez muitos amigos por meio da filatelia?

LRC - O atendimento ao público filatelista fez com que, ao longo dos anos, essa interação social e troca de conhecimentos me levassem a construir conexões e fortalecer laços de amizade duradouros.

SCF – Como podemos estimular crianças e jovens a se tornarem colecionadores?

LRC - Inspirar com exemplos, dinâmicas de grupo, rodas de conversas, descobrir interesses, escolher um tema, compartilhar a paixão pelo colecionismo, incentivar a troca, reconhecer e valorizar seu esforço.

SCF – Na sua opinião, o que a filatelia tem de melhor?

LRC - Conhecimento e cultura, habilidade de pesquisa e organização, socialização e comunidade, relaxamento e prazer, potencial de investimento, desenvolvimento de habilidades, preservação cultural e entretenimento.

É um *hobby* enriquecedor, que oferece uma combinação de aprendizado, socialização, relaxamento e potencial investimento.

SCF – Como estão os lançamentos dos selos personalizados e institucionais atualmente?

LRC - Os Correios podem lançar até 50 selos institucionais por ano, estes selos são produzidos sob demanda.

Os Correios oferecem o serviço de selos personalizados, em que você pode criar selos com sua própria imagem ou texto. Para solicitá-lo, é necessário se dirigir a uma agência dos Correios, preencher e assinar um termo de solicitação e apresentar a arte desejada para compor o selo.

SCF – Qual é a sua mensagem final?

LRC - A todas e a todos os atendentes de Filatelia dos Correios que vieram antes de mim, gratidão pelo legado. E para as/os que estão e virão que eu seja fonte de inspiração, aprendizado e comprometimento.

A todas e a todos filatelistas e colecionadores, meus sinceros agradecimentos e gratidão por esses anos de experiências compartilhadas durante meu processo de aprendizado, que se tornarão lembranças preciosas e inesquecíveis.

“Afinal, o que define o que somos, são as histórias que vivemos”.



25 Anos dedicados à Filatelia nos Correios.



Homenagem do Clube Filatélico Maçônico do Brasil.

Afeganistão entre Thomas De La Rue e Goznak

Marcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)



Figura 1 – Anverso da cédula de 1000 *afghanis* (P.61c) do Afeganistão, emitida em 1991 e impressa pela *Goznak*, empresa impressora de papel-moeda da então União Soviética. Existe uma cédula similar (com as mesmas assinaturas) impressa pela *Thomas De La Rue*, emitida em 1992¹. A distinção dessas duas cédulas se faz pela observação da impressão luminescente no anverso, com a utilização de luz ultravioleta. A impressão luminescente é bem mais nítida nas cédulas de impressão inglesa. Este exemplar em particular, impresso por *Goznak*, apresenta fracos sinais luminescentes². No centro superior temos a marca (logotipo) do Banco do Afeganistão. À direita, temos a Mesquita Azul, igualmente conhecida com o nome de *Santuário de Hazrat Ali*, situada no centro da cidade de *Mazar-i-Sharif*.

Introdução

O Afeganistão é um país da Ásia central, sem acesso ao mar e com fronteiras com o Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Paquistão e China.

Carrefour asiático, o Afeganistão se constituía desde a antiguidade em um ponto de passagem importante da Rota da Seda e do acesso à Índia.

Conquistou sua soberania em 1747. No final do Século XIX, após diversas guerras com os britânicos, tornou-se um estado tampão entre o Império Britânico das Índias e o Império Russo.

A imagem, no anverso da cédula (figura 1), da mesquita rodeada de pombas (um símbolo da paz) entra em contradição com o passado e o presente deste país que conviveu e ainda convive com a presença constante da guerra.

¹ O Catálogo *World Paper Money* não faz esta distinção, considerando apenas as assinaturas. Então temos a P.61c, impressa pela *Goznak* em 1991 e outra impressa pela *Thomas De La Rue*, em 1992.

² Em alguns casos praticamente inexistentes.

Em 1979, tropas soviéticas intervieram militarmente no país e eliminaram o presidente, em apoio às “*forças comunistas afeganes*”. Em oposição, tínhamos os *mujahidin*, que foram apoiados principalmente pelos Estados Unidos.

As forças soviéticas deixaram o país em 1989 e o governo “comunista” foi derrubado em 1992.

Neste pequeno estudo trataremos, principalmente, das cédulas emitidas no período de ocupação soviética, impressas por *Goznak*, empresa de impressão de papel-moeda da então União Soviética, com sede em Moscou.

A *Thomas De La Rue*³ imprimia o papel-moeda do Afeganistão dos governos anteriores à invasão soviética e chegou a imprimir também os dois últimos valores desse período (1000 e 10000 *afghanis*), após a derrocada soviética. Estes bilhetes são similares aos soviéticos. No caso da cédula de 1000 *afghanis* a diferenciação é problemática, como veremos.

Essas cédulas circularam a partir de 1980 e foram substituídas apenas em 2001 com a entrada do novo afghani (1000 “old” afghani = 1 “new” afghani). Desconhecemos a quantidade emitida em relação a todos os valores, mesmo os impressos pela *Thomas De La Rue*.

Na prática, a partir do momento em que a inflação ia corroendo o valor da moeda, acreditamos que essas cédulas foram perdendo valor ao ponto de não serem mais utilizadas, sendo substituídas por outras divisas, como o dólar americano e a rúpia paquistanesa.

Os valores impressos foram de 10, 20, 50, 100, 500, 1000 e 10000 *afghanis*, emitidos entre 1980 e 1994 e desmonetizados em dezembro de 2002.

As emissões de 1980 a 1994

A *Goznak* imprimiu, em 1978, alguns *specimens* que não chegaram a ser emitidos.

Khalq Democratic Republic
Da Afghanistan Bank – de 1978



Figura 2 – P.54 – Brasão de Armas do Governo Khalq

³ Empresa inglesa, impressora de papel-moeda e outros documentos de segurança, sendo uma das maiores do setor, senão a maior. Em 1991 mudou de nome e passou a se chamar apenas *De La Rue plc*.

Apenas *specimens*, cédulas não emitidas – 1978

P.53A	20 Afghanis	1978	Goznak	123 X 55 mm
P.54	50 Afghanis	1978	Goznak	134 X 58 mm

Quadro de Assinaturas

	Governador: <i>Mohammad Hakim</i> Ministro das Finanças: <i>Abdul Karim Misaq</i>
---	--

Democratic Republic
Da Afghanistan Bank – emissão de 1979



Figura 3 – P.58b – logotipo do Banco Central do Afeganistão fundado em 1939. No centro temos a representação do reverso de uma moeda da época de Eucratides I (170 a 145 a.C)⁴ com texto em grego “*ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΜΕΓΑΛΟΥ ΕΥΚΡΑΤΙΔΟΥ*” que significa “Do grande rei Eucratides”.

⁴Foi um rei do Reino Greco-Báctrio, que foi um dos reinos remanescentes do Império Selêucida e que se estabeleceu após sua fragmentação. O Império Selêucida foi um reino helenístico fundado por Seleucos I um dos sucessores de Alexandre o Grande.



Figura 4 – À esquerda, temos um *Stater* de Eucratides I, cerca de 171-145 a.C, AV 8,47 g. No anverso temos a efígie de Eucratides I portando um elmo e no reverso os Dioscuros (gêmeos) *Castor* e *Pólux*, que na mitologia grega são geralmente representados como cavaleiros e são considerados como protetores dos marinheiros e viajantes (Fonte da imagem: NumisBids – Numismática Ars Clássica – Action 138, 18 may 2023). À direita, temos o logotipo do Banco Central do Afeganistão, inspirado na moeda do Reino Helenístico da Bactria, que compreendia os atuais territórios do Afeganistão, Paquistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e noroeste da Índia. Neste logo ainda temos duas cornucópias e a data da fundação do banco, 1318 (1939). O logotipo do banco permanece até hoje.

Catálogo das emissões da República Democrática do Afeganistão – 1980 a 1994

Temos na sequência a catalogação pelo Pick⁵ (*World Paper Money*⁶). Os valores emitidos, as assinaturas (ver quadro das assinaturas), o ano de emissão, o impressor e as dimensões das cédulas.

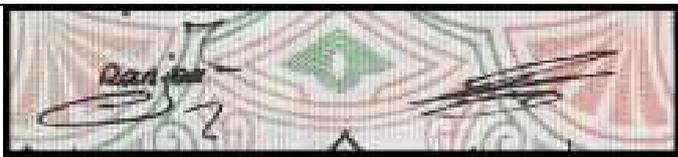
P.55a	10 Afghanis	1	1980	Goznak	115 X 52 mm
P.56a	20 Afghanis	1	1981	Goznak	125 X 56 mm
P.56a	20 Afghanis	2	1985	Goznak	125 X 56 mm
P.57a	50 Afghanis	1	1981	Goznak	134 X 58 mm
P.57a	50 Afghanis	2	1985	Goznak	134 X 58 mm
P.57b	50 Afghanis	3	1991	Goznak	134 X 58 mm
P.58a	100 Afghanis	1	1980	Goznak	142 X 62 mm
P.58a	100 Afghanis	2	1985	Goznak	142 X 62 mm
P.58b	100 Afghanis	4	1990	Goznak	142 X 62 mm
P.58c	100 Afghanis	3	1991	Goznak	142 X 62 mm
P.59	500 Afghanis	1	1981	Goznak	151 X 65 mm
P.60a	500 Afghanis	2	1985	Goznak	151 X 65 mm
P.60b	500 Afghanis	4	1990	Goznak	151 X 65 mm
P.60c	500 Afghanis	3	1991	Goznak	151 X 65 mm

⁵ Complementamos o catálogo em relação às variantes faltantes.

⁶ *Standard Catalog of World Paper Money, Modern Issues*, 25th edition, Krause Publications, USA, 2019.

P.61a	1000 Afghanis	1	1981	Goznak	160 X 70 mm
P.61a	1000 Afghanis	2	1985	Goznak	160 X 70 mm
P.61b	1000 Afghanis	4	1990	Goznak	160 X 70 mm
P.61c	1000 Afghanis	3	1991	Goznak	160 X 70 mm
P.61c	1000 Afghanis	3	1992	TDLR	160 X 70 mm
P.62	5000 Afghanis	5	1994	Goznak	165 X 73 mm
P.63a	10000 Afghanis	5	1994	Goznak	169 X 76 mm
P.63b	10000 Afghanis	5	1994	TDLR	169 X 76 mm

Quadro das variedades de assinaturas

1		Governador: <i>Ghulam Hussain Juwaini</i> Ministro das Finanças: <i>Abdul Wakil.</i>
2		Governador: <i>Abdul Basir Ranjbar</i> Ministro das Finanças: <i>Mohammad Kabir (1985-1988).</i>
3		Governador: <i>Khalilullah Sediq</i> Ministro das Finanças: <i>Mohammad Hakim</i>
4		Governador: <i>Abdul Wahab Safi</i> Ministro das Finanças: <i>Mohammad Hakim (1990)</i>
5		Governador: <i>Mohammad Hakim</i> Ministro das Finanças: <i>Abdul Karim Khalili</i>

Nas cédulas de 10 a 1000 Afghanis consta o ano de 1358 (1979). Nas cédulas de 5000 e 10000 Afghanis consta o ano de 1372 (1993). Essas datas diferem das efetivas datas de emissão que apontamos na tabela acima. As datas apontadas podem conter erros, apesar das diversas fontes que pesquisamos.

Em relação às cédulas de 5000 e 10000 *Afghanis* (P.62 e P.63a), impressas pela *Goznak* (impressora soviética) e emitidas em 1994, acreditamos que elas tenham sido impressas antes de 1992 e emitidas posteriormente⁷.

Essas cédulas circularam até 7 de dezembro de 2002. Em outubro de 2002 a cédula de 10000 afghanis valia 20 cents de US\$.

⁷ Tendo-se em vista a expulsão dos soviéticos no início de 1992.

Alguns *sites* informam erroneamente que essas cédulas teriam sido emitidas pelos Talibans, o que não é verdade. Elas foram emitidas na época da ocupação soviética (1980-1989) e posteriormente pelo regime ligado a Moscou, até 1992, até então impressas por *Goznak*. Após a substituição do Governo, as cédulas passaram ao impressor inglês, *Thomas De La Rue*.

Os Talibans apareceram em cena apenas em 1994. Durante esse período, como vimos, essas cédulas estavam circulando, mas eles, os Talibans, não tiveram nenhuma participação na sua concepção.

Não vamos descrever todas as cédulas, mas tanto na elaboração dos temas, como na execução, foi um belo trabalho realizado pela *Goznak*, apesar de irregularidades na impressão.

Analisamos diversas cédulas de 1000 *afghanis* (P.61c) impressas pela *Goznak*, de numeração não sequencial. Não conseguimos achar nenhuma com as impressões luminescentes nítidas.

Para diferenciar a cédula de 1000 *afghanis* impressa pela *Goznak* (1991) da outra impressa pela *Thomas De La Rue*, em 1992, é necessário verificar as impressões luminescentes que são bem mais nítidas na cédula de impressão inglesa.

A coloração nas cédulas de impressão soviética nos parece mais opaca do que nas inglesas, mas ainda nos falta examinar mais exemplares.



Figura 5 – Anverso da cédula de 10000 *afghanis* (P.63b) do Afeganistão, emitida em 1994 e impressa pela *Thomas De La Rue*, de Londres. Existe uma cédula similar (com as mesmas assinaturas) impressa pela *Goznak* (P.63a), emitida naquele mesmo ano, mas que acreditamos ter sido impressa anteriormente. A distinção dessas duas cédulas se faz pela simples observação do reverso, onde consta o nome do Banco “Da Afghanistan Bank”. À direita, temos a grande Mesquita de *Hérat*, na cidade do mesmo nome.

O nome do Banco Central do Afeganistão que aparece no reverso da cédula de 10000 *afghanis* se apresenta de duas formas distintas conforme o impressor, vejamos:



Figura 6 – Quando não há espaço entre o *Da* e *Afghanistan*, a impressão foi realizada pela *Goznak* (P.63a)



Figura 7 – Quando há espaço entre o *Da* e *Afghanistan*, a impressão foi realizada pela *Thomas de La Rue* (P.63b)



Figura 8 – Reverso da cédula de 10000 afghanis (P.63b) emitida em 1994 e impressa pela *Goznak* (veja o nome do banco conforme a figura 6). No centro, o Arco de *Qala-e-Bost*, no centro de *Lashkargah*, remanescente de uma fortaleza de cerca de 3000 anos.

A Catalogação realizada pelo *World Paper Money* para o Afeganistão, como na maioria dos casos, é básica. Cabe ao colecionador realizar as pesquisas para bem estruturar sua coleção.

Bibliografia:

Standard Catalog of World Paper Money, Modern Issues, 25th edition, Krause Publications, USA, 2019.

(*) Márcio Rovere Sandoval – sterlingnumismatic@hotmail.com



Pires Filatelia

Selos para coleções

Selos temáticos

História postal

Variedades, provas

Muito mais

E-mail: lpneto56@gmail.com

Telefone: (41) 99237-6909 (VIVO) 



Selos - Envelopes - Material filatélico
Classificadores, álbuns importados com
melhores preços

www.brazilstamps.com.br



+55 85 9 9813 5016

www.brazilstamps.com.br
contactbrazilstamps@gmail.com



*Velhinhos
vendendo
coisas velhas!!*

*(antes de
morrerem!)*



www.lojinhadobigode.com.br

cds - vinis - vhs - dvds - livros - gibis - numismática - filatelia

a FILATELIA cuida de sua saúde!!!
prazer • relaxamento • entretenimento • conhecimento
geografia • finanças • história



**PRESEVE A
SUA COLEÇÃO**



Instagram

Etiketa[®]

vendas@etiketa.net.br

(47) 999-739-925

**# ÁLBUNS # CAIXAS # ETIQUETAS #
#Material para Filatelistas #**



Filatélica Penny Black
Portal do selo

Agora trabalhando juntas

Conheça nosso novo site de leilões
www.brasiliafilatelia.com.br

Incluimos o acervo do
Marcelo Studart

*Grande estoque de selos brasileiros e estrangeiros / Toda linha
de materiais filatélicos e numismáticos / Atendemos listas de Brasil,
outros países e/ou temas / Compramos coleções de selos*

Roberto Silveira

(61) 92000-8401  

E-mail portaldoselo@gmail.com

OFERTAS EM NOSSOS SITES

www.portaldoselo.com.br

www.filatelicabrasilia.com.br



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT
Superintendência Estadual de Santa Catarina

Apoio de Filatelia

Adriana Raquel Ritter Fontoura - adrianaritter@correios.com.br

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 - bloco B - 6º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário - São José/SC
CEP 88110-905 - Telefone: (48) 3954-4032

Selos Comemorativos e Especiais **Selos personalizados - Coleções Anuais**

Em São José: Agência Floresta - Rua Romeu José Vieira, 90
CEP: 88110-975 - Telefone: (48) 3954-4195
scacatm@correios.com.br

Em Blumenau: Agência Victor Konder - Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 - Telefone (47) 3144-2372
scafbnu@correios.com.br

Em Joinville: Agência Joinville - Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 - Telefone (47) 3419-6929
scacjve@correios.com.br

RHM

DESDE 1948 FORMANDO
FILATELISTAS

DO BÁSICO AO AVANÇADO



WWW.OSELO.COM.BR
SUPORTE@OSELO.COM.BR

REDES SOCIAIS
[@RHMFILATELISTAS](https://www.instagram.com/RHMFILATELISTAS)